



O inesperado de uma vida

Coletânea de Contos

Einetes Spada

 EDITORA
FUMPER

O inesperado de uma vida

Einetes Spada

O inesperado de uma vida

Coletânea de Contos



© 2020 FAMPER - Faculdade de Ampère

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, dos autores.

Editora Acadêmica da FAMPER - Faculdade de Ampère

Projeto gráfico/diagramação | Booknando Livros

Primeira edição digital, outubro 2020

Tel.: (46) 3547-3031

famper@famper.com.br - www.famper.com.br

Einetes Spada (org.),

O inesperado de uma vida / Einetes Spada (org.). Ampère : FAMPER -
Faculdade de Ampère, 2020

126 p.

ISBN 978-65-5661-008-5

1. Português 2. Língua e literatura. 3. Contos

I. Ensino de português II. Faculdade de Ampère. III. Título.

Apresentação

O **conto** é um gênero caracterizado por ser **uma narrativa literária curta**, tendo começo, meio e fim da história narrados de maneira breve, porém o suficiente para contar a história completa.

A disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa na graduação dos cursos de Letras e Pedagogia, prevê o estudo e prática do gênero “conto”, para aprendizado e transferência aos educandos.

Sendo assim para contemplar nosso plano de ensino diante do quadro o qual se apresentava, decidiu-se junto à academia produzir contos sobre a covid-19, para referenciar e registrar o momento difícil e histórico que o mundo vive.

Dentro do conceito do referido gênero contempla a história. A academia, bem como as diferentes instâncias educacionais tiveram que se adaptar às aulas de ensino emergencial remoto – EAD. A modalidade ofertada pela FAMPER – Faculdade de Ampère (Pr.) é presencial.

Brasil, ano de 2020 marcado na história a partir de 26 de fevereiro com a presença da “pandemia” – O novo corona vírus. Foi descoberto em Wuhan, cidade chinesa, por conta de uma série de casos de pneumonia com origem desconhecida. Desde então, o vírus vem se espalhando exponencialmente por todo o globo terrestre.

O tempo passava, todos esperançosos para breve retorno. Muitos relatos e experiências vividas. A doença não deu tréguas, a cada dia mais cuidados a serem seguidos para garantir a segurança e evitar a contaminação.

A internet tomou conta das residências, as famílias automaticamente se conectaram ao mundo educacional e profissional.

Esta é a terceira Produção literária da FAMPER. Oferece a oportunidade de produção, capacitação do intelecto dos referidos estudantes.

Parabéns e agradecimentos aqueles que aceitaram o desafio e se colocaram à disposição para registrar seus escritos nesta edição, diante de um quadro pandêmico histórico. Que possamos sair ilesos desta situação e quem sabe daqui alguns anos nossos descendentes leiam os contos desta geração. Abraço a todos.

Einetes Spada

Coordenadora do curso de
Letras/Inglês da FAMPER
e prof. Me. De Metodologia de Língua Portuguesa

Sumário

- 7 Apresentação
- 11 Dias melhores
- 13 Silêncios presentes
- 15 Por um segundo de desatenção
- 17 Pensamentos em plantão
- 19 O medo do invisível
- 21 República do hospício
- 26 Quando que o mundo volta ao normal?
- 29 A viúva do covid-19
- 31 Uma viagem no tempo
- 33 Mentes inquietas
- 35 Relatos de um vírus
- 37 Era 2020
- 38 Amor de verão
- 40 Não foi dessa vez
- 41 A pandemia
- 43 O homem que não preveniu e não pode remediar
- 46 Pão de milho
- 48 Solução do covid-19 “cata véio”

- 52 O dia em que a tecnologia assumiu o papel da educação
- 56 O golpe financeiro
- 60 As máscaras de dona amélia
- 61 Cuidado comigo...Sou a covid-19
- 63 Professor de épocas remotas
- 66 Seu José, não acreditava
- 69 O sono de Maria
- 71 A vida não é a mesma
- 74 Como veio a covid-19
- 76 O escudo protetor
- 78 Acesso a saúde em tempos de pandemia
- 81 De tirar o ar
- 85 A despedida
- 88 Pandemia e as viagens
- 90 A proliferação do vírus
- 95 2020 – O ano em que o mundo parou
- 98 Pandemia mundial - covid-19
- 102 Mudando a rotina
- 104 Em tempos de quarentena
- 106 Uma loucura de amor que não espera a quarentena
- 109 A vida é um sopro, cuide-a!
- 111 E agora, Mayla?
- 115 A vida com o covid-19
- 117 Malfeitor x protetor
- 120 Um vírus e um verme

Dias melhores

Chega 2020....inicia o ano...desejos e brindes de amor e amizade. Mês de janeiro, certo dia o telejornal comenta a existência de um vírus, que surgiu na China, denominado covid-19. Bem, estamos longe, será que haveria possibilidade de chegar aqui. Ah! Como se portava, qual era o perigo?

Logo chega fevereiro e surge o primeiro caso no Brasil. O que imaginávamos estar distante, estava em São Paulo.

O ano letivo inicia, segue seu curso, projetos, perspectivas junto aos nossos estudantes. Em apenas (40) quarenta dias a vida, a rotina foi transformada. Em 20 de março o medo ronda nossas vidas, famílias, escolas, universidades. Aulas suspensas por tempo indeterminado. Em poucos dias as autoridades competentes baixam decretos, medidas sanitárias, pois em nosso país não havia preparo para receber inúmeros doentes, ou seja, totalmente sem estrutura hospitalar.

Como prevenir-se? Inicia-se buscas incansáveis, leituras, informações para evitar que a temerosa covid-19 chegasse até nós, familiares e amigos.

A vida segue, o lema imposto “fique em casa”, porém o mundo precisava dos serviços essenciais básicos, farmácias, supermercados, postos de gasolina entre outros. A crise da saúde, econômica e política se instalava no Brasil.

Empresários, comerciantes e prestadores de serviços de todos os segmentos passam a adequar-se às medidas sanitárias. Alguns adaptaram-se e produziam produtos diferenciados como: Jalecos, máscaras, álcool em gel, utensílios primordiais para os dias que seguiam.

As escolas passaram a organizar tarefas para encaminhar

aos alunos, pois não havia previsões de quanto tempo levaria para retornar aos espaços escolares. As universidades passaram a transmitir os conteúdos através de ensino emergencial remoto.

Muitos acadêmicos e acadêmicas foram resistentes na adesão de tal formato. Havia esperança que em poucos dias a pandemia fosse embora. Aos poucos, com diálogo aceitaram, fizeram sua parte. Estudavam, aprenderam a trabalhar com tecnologias, ou seja, tempos de superação. Tanto para alunos, como para os professores. Como diziam: estamos no mesmo barco.

O tempo passava, foram meses de isolamento, longe de familiares, amigos....sempre prezando pela saúde de todos.

Os dias seguiam, as autoridades trabalhavam para melhorar o atendimento aos habitantes, as pessoas de modo geral aprenderam os hábitos higiênicos para segurança. É claro que sempre ocorreram as exceções, cidadãos e cidadãs desrespeitavam as regras sanitárias e se aglomeravam, assim causavam mais trabalho e risco à sociedade. Situações que somaram mais casos e riscos.

A pandemia atingiu a quase todos os países, questões que muitos seres humanos fazem. Não escolheu raça, cor, situação financeira, ou seja, nivelou todos. A ostentação saiu de moda, foram canceladas festas, eventos, viagens nacionais e internacionais. Todos nas mais diferentes funções ou profissões, porém a IGUALDADE prevaleceu até que “dias melhores” chegassem.

Einetes Spada

Silêncios presentes

O vento soprava, zunia nos telhados, açoitava as árvores que balançavam as copas verdes.

A chuva forte empurrada lá das bandas da Argentina ofuscava o colorido das casas empapadas de água.

Um cavalo relinchava amarrado numa corda curta, parecia reclamar os maus tratamentos e ausência do dono.

Nossa dupla de gatinhas, Bebê e Pretinha, procuraram se aninhar cada uma em seu colo protetor de sempre. Um raio riscou o céu. Tremeu o chão com o estrondo do trovão. Caiu o sinal da luz, da internet, a insegurança aumentou.

Olhei para fora, na janela pingos grossos de chuva, batiam com força, se esparramavam caindo rapidamente, formando pequenas poças de água que se acumulavam e formavam pequenos rioszinhos no pátio.

Vislumbrei o horizonte. A cor acinzentada dos morros argentinos, substituía o verde das araucárias pomposas nos dias ensolarados. Por um instante senti saudades. Vontade de abraçar meus familiares, meus amigos que mantiveram a distância necessária para esses tempos difíceis.

Longas horas se passaram, o mau tempo deu uma trégua. Uma amiga ligou para saber como estavam as coisas. Entre conversas triviais, e exclamações sobre a tristeza pelos mortos da COVID-19, ouvi choros de seu bebê, e barulho de tampas de panelas, ruídos e sons normais nesta época de “home office” e “novo normal”, que eu não consigo me acostumar.

Tempos em que as máscaras viraram extensão de nosso corpo, que a palavra “reinventar” está em alta.

Pelo menos a pandemia trouxe a oportunidade de valorizar os olhares, o toque, o abraço.

Os olhos nunca disseram tanto antes. Vejo sorrisos, medo, insegurança, alegrias, anseios, solidariedade, misturas de emoções que espiam por cima das máscaras e procuram algo para acreditar, se agarrar e aliviar os resultados dessa mudança tão brusca e rápida que assolou a vida dos humanos.

Nos silêncios que se repetem, tento ser uma mera expectadora, olhando a vida sentada numa cadeira, testemunha de muito trabalho longe das pessoas que eu era acostumada a ver quase todos os dias em minha frente.

Faz falta os olhares de matizes diferentes: reflexivos de um, de bondade do outro, de companheirismo, de superação em aprender algo novo, do olhar que se sente incluído no grupo falante e alegre. Faz falta o clamor, a linguagem misturada a ruídos, o vozear, o grito, a queixa, o reclamo, até a balela faz falta, em tempos tão difíceis e solitários.

Marilce Mari

Por um segundo de desatenção

No ano de 2020, na época em que o mundo parou por conta de um vírus, no início de toda manhã, por volta das 07h, era necessário estarmos a postos para começar nossa rotina de trabalho, buscávamos “impedir” a entrada do covid19 em nossa cidade. Fomos divididos em 04 grandes grupos e estes eram os responsáveis por saber quem entrava e saía daquela pequena cidade do interior.

Em uma dessas manhãs, por coincidência no dia do meu aniversário, um triste fato deixou aquela manhã registrada pelo resto da minha vida! Logo que cheguei me deparei com um acidente bem próximo da nossa barreira sanitária, como tinha sido recente quase não havia ninguém no local. Estremeci, mas logo me encorajei de ir ajudar!

Se tratava de um senhor já de idade, que no asfalto frio gemia de dor e implorava por socorro. Fiquei sem chão, pois minha vontade era apenas de segurar ele no colo e correr para o hospital mais próximo. Porém, sabia que nesses momentos a melhor coisa que podemos fazer é não movimentar a pessoa ferida.

Gritávamos o tempo inteiro:

- Senhor, tá ouvindo? Aguenta firme, a ambulância já está chegando!

Porém, não havia mais resposta.

Logo a ambulância chegou, prestou todo apoio necessário e partiu. Foi a primeira e infelizmente a última vez que vi aquele senhor na minha frente, três dias depois ele veio a óbito. Foi por mero descuido que isso acabou custando a vida de um inocente!

Tristemente, havia um cone, o qual na hora em que o senhor passava, indo para seu trabalho, o avistou caído no meio do asfalto e por ter um coração grandioso, resolveu estacionar sua bicicleta na placa mais próxima de ir ajuntar para evitar acidentes de trânsito.

Mal sabia que tamanha bondade custaria sua vida! Uma moto, que em alta velocidade se aproximava, não o avistou e em questão de segundos tirou a vida daquele inculpável homem.

Aquele senhor, naquela segunda feira, não conseguiu chegar em seu trabalho e nem se despedir da sua família, e o que mais chamou atenção é que com seus 70 anos, estava indo trabalhar de máscara (coisa que muitos ainda não faziam) a qual, com tamanha pancada segurava todo sangue que dali jorrava.

Ali perdemos uma vida, não pelo Corona vírus como tanto temíamos, mas por desatenção de um segundo.

Amanda Marchiori

Pensamentos em plantão

Em uma noite qualquer, me deparo sentada aos pés de minha janela refletindo sobre algo que nem sei descrever.

Talvez um suspiro de morte, ou a falta de tal suspiro.

Me pergunto: - O que estamos vivendo?!

Quem foi o culpado dessa confusão e como farei para proteger-me e proteger os outros?!

Um vírus, que veio do nada para mudar a jornada, trouxe consigo a indagação, vou sobreviver a isso?!

Quando iríamos pensar que ao sairmos de casa por um instante, poderíamos sufocar e matar quem mora no mesmo lar?

Por um simples ato como comprar pão, apesar de não saber, é possível contaminar o próprio irmão, ou ao ir ao supermercado você não faz ideia, e pode contaminar seu namorado.

Assustador não é mesmo?! Mas, como sair dessa situação?!

Continuo na mesma janela. Perguntas e pensamentos rodeiam a minha volta e tomam conta do meu ser.

E agora, qual será o rumo dessa história?

O dia passa, a noite chega, e com a escuridão o medo parece tomar ainda mais posse do meu ser.

Aquele silêncio antes nunca ouvido, aquele abraço que se pode apenas lembrar e não ser sentido.

Em meio a escuridão, naquele dia que parece não ter fim, ajoelho e me coloco em oração:

“Pai, onde estiver nesse momento, ouça seus filhos que estão no desalento, abençoe-nos e tira da nossa alma e do nos-

so coração esse medo, e assim afasta de todos, esse vírus para longe daqui”.

E com esta oração e tal depoimento, sinto em meu peito um calor imenso de quem atendeu meu pedido.

Aqui me encontro, escrevendo esse conto e refletindo...

Esta é uma fase de muito aprendizado, valorização, de afeto, de compaixão, e a prova maior de que você aí do outro lado que está lendo nesse momento não é, e nunca foi, melhor ou maior do que alguém.

Vírus, não escolhe cor, não escolhe raça, não escolhe riqueza e não escolhe pessoa.

Ele pode escolher você, um corpo como qualquer outro em um mundo que precisa de um choque de realidade.

Preocupante pra você?! Pra mim sim. Tenho a certeza de uma coisa, farei a minha parte para que, quando tudo isso passar eu possa abraçar e beijar as pessoas que amo, e sentir a mesma sensação de um médico, que fez o seu trabalho e hoje salvou muitas vidas!

Bianca Vitória Funghetto

O medo do invisível

Era 19 de março de dois mil e vinte... Um dia normal na cidadezinha do interior, pessoas se cumprimentando, beijinhos aqui e ali, sorrisos, filas bancárias, sol ardente, rotinas e principalmente, a falta de tempo para lazer, pois era muito trabalho o dia todo, o que mais reclamavam João e Maria, um casal cheio de atividades para realizar todos os dias.

De repente, ao anoitecer, chegaram às notícias de que a partir do dia seguinte a guerra começaria e que a forma de se salvar era ficar em casa! Legal não é mesmo? Salvar o mundo sem fazer nada. Pois bem, no início foi tranquilo, as pessoas achavam que seriam só alguns dias, mas perderam-se nas contas quando a quarentena passou de quarenta dias.

- Quarentena? Para que serve isso? Perguntou João.

- A quarentena serve para nos proteger e também quem amamos, daquele bichinho invisível, um tal de coronavírus, explicou Maria.

- Ou seja, agora teremos um tempo para nós e para nossas famílias, para conversar, assistir a um filme, ler, estudar e ficar em casa, seria isso? Perguntou João.

- Isso mesmo, enquanto quem pode ficar em casa ajudará os nossos profissionais da saúde a combater frente a frente o COVID-19. Respondeu Maria.

E os dias passaram, no dia 11 de maio de dois mil e vinte, João e Maria começaram a sentir os sintomas do vírus, mas tenha calma! Eles não estavam doentes, porém, o medo de fechar o estabelecimento comercial tomou conta, com ele veio o estresse, as brigas e o choro, pois não sabiam como tudo

poderia terminar, não havia data. Eram muitas mortes todos os dias, parecia que aquele pesadelo não teria fim.

Foram milhares de mortos, amores que foram interrompidos, projetos inacabados, comércios fechados, aulas à distância, e muita tristeza, ninguém podia sair de casa, datas especiais passavam em branco, as visitas eram só por vídeo chamadas, foi assim por um triste e longo tempo. Mas assim como tudo iniciou, de uma hora para a outra normalizou e o nosso casal João e Maria, para sua rotina retornou.

Diulya Cavalheiro Arendt

República do hospício

Em um tempo nem tão distante, precisamente 2020, havia um país chamado república do hospício. Isso mesmo que você entendeu uma nação recheada de loucos. Tinha louco de tudo quanto é jeito.

Ninguém naquele miserável lugar batia bem da “cuca”. É verdade também que aquele pequeno povoado até pretendia ter certa organização, almejava estar sempre à frente dos grandes reinados, porém como ser o primeiro se nem sabiam pensar. Diziam qualquer bobagem, naquela terra desprovida de gente normal o que mais se ouvia era gritos, xingamentos, bate boca e todo tipo de sujeira que uma boca podia proferir.

- “Cala boca, você tem jeito de vagabundo, com você eu não falo!”

Esse era o nível do seu chefe maior, o líder de uma tropa cheia de alucinados. Chamado Carabino de Jesus. E essa era uma resposta até amigável para alguns que o ousavam criticar e o questionar. Dessa vez ele não levou os seus cães de guarda pra mandar correr com os perguntadores, que a olho nu pareciam malucos.

— “Eu não dei ordem pra você fala. Com esse cabelo esquisito aí, pintado, já não gostei da sua fuça, que és tu pra vir aqui pedir o que não deve. Põe-se daqui pra fora. Nesta merda quem manda sou eu! Eu sou REI deste maravilhoso hospício.”

Era assim que o chefe do grande lar de malucos se manifestava a todo o momento. É necessário dizer que nesta terra de “lunáticos” ainda havia alguns poucos com a mente sã, não podemos ser injustos com aqueles tinham laudo de sanida-

de mental ok. Mas a verdade que existiam poucas cabecinhas saudáveis naquele triste lugar.

Como você conseguiu notar o líder máximo da nação ma-luca, não era nada afável, tinha tipo autoritário, palavreado bastante baixo, quase no subsolo. Ele era bem alto, mal encarado tinha dentes amarelos típico de quem assusta crianças indefesas e ranhentas. Seu nome era Carabino de Jesus, só o nome do sujeito podia trazer algum humor. De resto era mau humor dia e noite.

Mas mesmo com todas suas características negativas seus “louquinhos” de estimação não paravam de segui-lo, acreditavam que, “SIM” era possível essa república chefiada pelo excelentíssimo Sr. Carabino de Jesus ser a primeira dentre todas. Vamos combinar que pensar não era uma tarefa fácil para eles. Até que surgiu no horizonte uma oportunidade, que para aqueles seres nem tão pensante, era a oportunidade de ouro para alcançar o lugar de destaque sonhado.

Acreditavam ser possível, pois ouviu naquele tempo uma gigantesca nuvem de poeira que encobriu todos os reinados. Por onde essa coisa passou deixou para trás uma imensa devastação. Vários reinados faliram ficaram na miséria, pessoas morreram outras passaram fome, sede. Donos de grandes terras, também faliram e começaram a pedir esmola nas esquinas depois da grande nuvem ir embora. A nuvem ficou meses, trouxe o caos a todos os seres vivos. E o caos foi o ingrediente predileto do nosso grande chefe Carabino de Jesus, o homem mais poderoso da república do hospício.

Carabino tinha um cérebro pequeno, e pra dizer a verdade era algo bem comum dentre os seus “súditos”. Ele se esforçou bastante e pensou:

- Vou convocar todos os meus seguidores fiéis para que não desistam de lutar contra essa nuvenzinha de sujar bobo.

E assim foi, construíram uma bolha gigantesca de vidro e o colocaram em cima de um palco bem alto. Tendo autoridade máxima Carabino, chamava seus súditos abobalhados para que ouvissem o seu pronunciamento. E assim ele dizia:

- “Loucos do meu coração, chegou a hora de mostrarmos

a nossa força. Vocês sabem que temos tudo para ser a nação mais rica de todo este território. Os líderes vizinhos acadelados pedem para que as pessoas não saiam de suas tocas, eles têm medo desta poeirinha inofensiva, eu mesmo fiquei uma hora na poeira e não me aconteceu absolutamente nada, deve ser por que fui um grande caçador no passado. E vocês sabem que caçadores sempre enfrentam poeira e todo o tipo de adversidade no mato. Se for pra ser o primeiro, o maior, o diferente este é o momento. Ninguém vai ficar na toca, todo mundo no pega, que morra um ou outro, é normal, a morte é a única certeza desta vida infeliz. Então vamos lá, essa é uma ordem, eu sou o chefe supremo dessa joça.” Disse o excelentíssimo Sr. Carabino de Jesus do alto do palácio, dentro da sua bolha magnífica construída especialmente para ele. Ao terminar seu discurso via aquela multidão o aplaudir de pé. Eles gritavam e tossiam ao mesmo tempo.

Eles exclamavam:

- “UUUU CARABINO É O MELHOR... COF... COF... COF”

E lá foram eles alucinados como sempre e confiantes como nunca. Não pararam um minuto se quer. Nos primeiros dias tudo estava indo muito bem, o objetivo proposto parecia então ser atingível.

Até que com o passar dos dias expostos a toda aquela poluição ou poeira, sabe-se lá o que era aquilo, alguns começaram a ter mais pó dentro dos pulmões que ar. Caiam duros no chão asfixiados. Pra se ter uma noção nem adeus tinham tempo de dar para os seus familiares. Como raciocinar nunca foi uma tarefa fácil para louco, iam para batalha diária sem proteção, pois acreditavam no grande líder. Na verdade, como não pensavam queriam sempre agradar o então excelentíssimo Sr. Carabino de Jesus que a eles de longe parecia ser um Ser celestial, divino e de perto parecia estar longe.

Carabino, no entanto perguntado sobre os falecidos, dizia com toda sua truculência dentro da sua esplendorosa bolha:

- “Morte sempre teve, e daí? Não tínhamos um plano de ser a maior e melhor nação do mundo... então é agora.”

Passado alguns dias as pessoas mesmo com fé no seu líder esquisitão e sabendo do seu jeito bruto de ser, começaram a mudar seu jeito de ver toda essa situação. Raciocinavam pouco, mas este pouco bastava para se questionarem: - “Do que adianta estar no lugar mais rico de todos, com os pés juntos debaixo de sete palmos de terra?”

Foi então que um de seus servos falou com grande Carabino. Seu nome era Manola Terra Boa. Este fora convidado para participar do reinado maluco, muitas vezes parecia ser um deles, mas na verdade era um dos poucos que conheciam a incrível arte que se chamava raciocinar. Vendo este descontentamento por parte do povo o servo falou para o então excelentíssimo:

- “Carabino, agora não é hora de mostrar quem é maior, ou melhor. Olha teus fiéis morrendo. Tu não vês que a cada dia que passa teus seguidores diminuem e junto o teu poder.” Disse Manola.

- “Manola, quem é você pra questionar uma ordem minha? Você sabe com que ta lidando? Parece que não. To achando que você anda muito espertinho, pra quem é só um servidor de meia tigela. Ta querendo me derrubar? De hoje em diante eu não quero ver sua cara aqui, vá para o quinto dos infernos seu traidor.”

Ora! Era de se esperar que o ignorante maior não aceitasse sugestões, Manola arriscou, passou de conselheiro a traidor em um piscar de olhos.

Enquanto isso lá fora a notícia era de que mais caixões precisavam ser fabricados. O tempo passava, o povo morria e a fé que os loucos tinham no tal excelentíssimo senhor da loucura esvaía a cada pá de terra jogada nas sepulturas espalhadas por todo lado da república do hospício.

Mesmo com o drama espalhado por todo esse gigantesco hospício, o líder máximo em sua formosa bolha continuava a proferir tolices dia após dia. A poeira naquele lugar ficava, parecia ser até castigo de Deus para aqueles que o trocaram por um deus qualquer, um deus fajuto.

Os carabinistas fanáticos que andavam de olhos tapados

como servos rastejantes a cada dia de dificuldade se viam obrigados a exercitar o seu cérebro letárgico. Começaram pensar e pensar. Saíram daquele estado de loucura total ao qual seu chefe máximo o pusera. Entocaram-se de forma quase que total nas suas respectivas tocas.

Era um momento em que a poeira aumentava, e aqueles pobres coitados sofriam, em casa fechados, junto dos seus, e por obviedade longe do seu líder, que permanecia lá no alto do seu palácio na mesma redoma de vidro, sentado com olhar firme para o horizonte negro, típico de quem procurava um novo continente sem sair da terra firme. O que poderia passar na cabeça daquele líder belicoso? Ninguém nem tentava arriscar.

O tempo passou, a distância do monárquico foi como remédio de avó para o neto doente. Aquele grave transtorno mental ao qual uma nação fora submetida ia sumindo. A capacidade de raciocínio voltava, parecendo até parcelada.

Era um começo de dias melhores? Isso ninguém sabe. Sem uma explicação plausível, a tal “entocada” trouxe não só à desgraça ao povo, mas trouxe um sentimento diferente jamais visto entre aqueles seres ineptos.

Era um: “Quer ajuda?” daqui. “Obrigado” dali. Algo que há muito tempo os ouvidos não ouvia, na verdade nem codificavam aquelas mensagens “estranhas,” como “eu te amo”, “quero o seu bem.”

Foi então que tempos mais tarde, depois de todo o transtorno passar, da loucura cessar é que se ficou sabendo o grande medo do excelentíssimo já deposto Carabina de Jesus. Lembra da bolha lá no alto do palácio? Onde o chefe olhava com olhos fixos para o horizonte? Segundo o próprio o que ele mais repedia dentro da redoma era:

“Eles não podem conhecer o amor”.

Esse foi o fim do reino da loucura. Parece que o tempo fez bem o seu trabalho, já que a mim sempre disseram: “te acalma, o tempo é dono de tudo.” E não é que é o dono mesmo.

Eduardo Rizzatti

Quando que o mundo volta ao normal?

Era ano 2020. Fim de verão, início de outono. Os dias eram mais longos e o calor da estação era um convite à vida. E era. Pena que as coisas mudaram de repente.

As notícias na TV, no jornal e nas mídias sociais eram uma só: “fiquem em casa”.

O pavor tomou conta dos lares e as ruas ficaram desertas. Mas o que aconteceu? Um vírus letal, originário da China, denominado de Coronavírus, que se espalhou rapidamente, provocando muitas mortes numa velocidade assustadora e sua transmissão ocorre através do toque, espirro ou tosse e entra pelos olhos, boca e nariz.

Na segunda-feira, ao retornar ao trabalho, minha chefe, Dona Rita, nos chamou em sua sala, eu e os demais supervisores de produção: Pedro, André, Sarah e Gabriela, e disse-nos:

As coisas estão muito complicadas. Nosso emprego está correndo sério risco. Temo por mim e por vocês. Por isso, o nosso trabalho, a partir de agora, será com o intuito de amenizar o impacto causado por esse caos. Iremos produzir jalecos para os hospitais, para enfrentar o Coronavírus, esse que está deixando o mundo apavorado.

Iniciamos produzindo os materiais exclusivos para os hospitais, receosos com o perigo que nos alarma.

Dias se passaram e os cuidados foram redobrados: lavar as mãos com sabão, passar álcool em gel, manter distanciamento, usar máscara facial, entre outros inúmeros procedimentos que se tornaram rotina.

Mesmo eu entendendo a periculosidade desse vírus, encontrava algumas pessoas que conversavam antes do expediente:

- Vocês viram que estão nos obrigando a usar máscara? Que absurdo! É horrível, desconfortável, embaça os óculos e é muito agonizante.

- É verdade! Acham que devemos obedecer sem reclamar, exclamou a outra, mas eu uso quando quiser...

A situação estava cada dia mais cautelosa, e lidar com a teimosia de algumas pessoas era bem desestimulante. Até que um dia, o radialista anuncia, ao vivo na rádio:

- População! Venho comunicar-lhes da notícia que mais temíamos que acontecesse...situação real...dois casos de Coronavírus foi confirmado nessa tarde. Pai e filho. E estão hospitalizados no centro da capital. Seus estados são críticos. Pedimos à população que mantenha o isolamento social. Fiquem em suas casas. Mantenham o cuidado com a higiene pessoal e protejam quem vocês amam! A nossa cidade está passando por momento delicado e precisamos da colaboração de todos. Em poucos minutos, teremos em nossos estúdios o nosso prefeito, Altair Gonçalves. Passará algumas medidas emergenciais, também o decreto que vigorará no município.

Depois de alguns minutos, entra pelas ondas do rádio, o prefeito e as novas medidas. Nelas continham que o comércio permaneceria aberto, porém com algumas condições: todo cliente que entrasse no recinto deveria estar usando máscara, o proprietário deveria fornecer álcool em gel, o distanciamento entre um e outro deveria ser respeitado e, para cada estabelecimento, um número "X" de pessoas-limite.

Ele falou por cerca de uma hora, lembrando todos os meios de cuidados, repetiu todas as informações que ouvíamos frequentemente e pediu, por tudo que consideramos valioso, que nos cuidássemos.

Após todo o pronunciamento, eu via, por entre as máscaras, que os olhos dos meus colegas derramavam desespero. Foi nesse momento, entendi que a rebeldia dava lugar para o medo, a angústia e a incerteza.

Somos um país caloroso! Da música, da dança, do amor, do

abraço. Ficar enclausurado em nossas casas, está sendo uma sentença muito pesada, mas é nossa única salvação.

Não sei como será a pós pandemia, só sei que não seremos os mesmos, tampouco o mundo que conhecemos.

E quando tudo isso acabar, o que vai restar? Ninguém sabe, porque o fim disso ninguém sabe...e nós continuaremos na guerra contra esse vilão invisível que nos assombra.

Ouçó muito: “quando as coisas voltarem ao normal”. Meu amigo, o mundo nunca mais voltará a ser o que era, porque o normal não existe. O mundo mudou e as pessoas tiveram que se adaptar. Uma nova ERA está em criação, e nelas é onde habitaremos. Aqueles que sobreviverem...

Eliziane Katia Coletto

A viúva do covid-19

A TV está ligada na casa dos Fonseca, Dona Ana preparava o café enquanto seu Joaquim assiste o jornal de uma emissora local, o senhor de certa idade não prestava muita atenção em seu televisor, se distraíndo facilmente com a movimentação da rua, porém de longe a mulher conseguia pegar no ar algumas palavras que o jornalista bonitão dizia.

- Nesta sexta-feira dia 21 de março de 2020 foi confirmada mais de quinhentas mortes pelo Covid-19. Diz o Interlocutor com semblante sério e de tom ameno.

A mulher que colocava a mesa, para e segura firme a toalha que tinha em mãos, deixando estampado em sua feição sua indignação, ela se perguntava quantas dessas mentiras a TV contava? Ontem mesmo tinha visto em uma de suas redes sociais que este vírus não passava de uma gripe e em sua concepção não tinha nada com o que se preocupar.

- Este povo da TV só quer assustar, logo, logo isso passa. Diz dona Ana em um tom um pouco irritado.

Seu Joaquim que era um homem sensato, apenas concorda com um aceno de cabeça, sem querer contrariar sua mulher, ele não era uma pessoa muito tecnológica então não discordava quando sua mulher expunha as informações que conseguia na internet.

- {...} É extremamente importante carregar consigo álcool em gel e usar máscara para circular no comércio {...}. A voz do jornalista se espalha pela sala da casa dos Fonseca em um tom mais elevado, claramente para enfatizar os seus argumentos.

O idoso quase pode imaginar sua esposa revirando os

olhos com a fala do enunciador, já que na semana passada ela ficou mais de uma hora discutindo com sua irmã, que defendia fielmente o uso das máscaras, contudo Ana não pensava da mesma forma, dizendo que tudo era jogo de marketing das grandes emissoras de televisão.

A senhora já se preparava para argumentar novamente contra as informações do tele jornal, quando seu Joaquin se levanta de sua poltrona e caminha até o cômodo que ela se encontra e beija carinhosamente sua testa.

- Vou comprar pão fresco para o café da manhã. – diz o homem de forma suave para sua esposa e se direciona para a porta da casa, mas antes que possa atravessá-la Dona Ana o segura pelo braço.

E sobre o olhar questionador do marido ela responde:

- Onde está a sua máscara? Eu sou muito nova para ficar viúva.

Emily Arno

Uma viagem no tempo

Eram lá pelos anos 2.000... Eu vi tudo acontecer, um novo surto se instaurou, da China para o mundo. Em poucos dias óbitos, choro e dor.

O ser humano não se comportava mais como homem, e sim se aproximava de um animal irracional. Superlotando mercados e farmácias, balcões de casa mais cheio que as próprias prateleiras.

Era uma corrida contra o tempo e contra si mesmo, para se proteger da tal pandemia, os abraços ficaram distantes, sorrisos cobertos por máscaras e uma só pergunta. Isso vai passar?

Mas a cada passo que dávamos para o avanço, sempre se retornava à estaca zero, onde alguns ignorantes, rompiam a segurança e as barreiras para coisas de necessidade fútil.

Os dias escuros e manchetes em jornais, revistas, rádios eram das piores. Nunca uma resposta que desse uma esperança lá na frente.

“Na guerra é bem pior” esta frase que meu pai sempre comentava, começou fazer sentido em minha cabeça. Mas a guerra agora era contra a estupidez e arrogância.

Pessoas afastadas, famílias desestruturadas, a pandemia não poupou cor, raça ou dinheiro, todos eram enterrados em uma vala, tratamento digno de “Alemanha Nazista” mais específico, o verdadeiro holocausto.

Quanto tempo mais, até perceber que se eles pudessem ouvir, ver o que eu vi, eles iriam entender...que nunca foi uma brincadeira.

Todo aquele terror passou. A economia mundial demorou

anos para se regularizar, vidas demoraram décadas para apagar todas as feridas, de todo caos presenciado.

Mas o pior... o pior ainda não tinha chegado... nações se destruindo por falta de humanidade nas suas relações, povos se auto massacrando por falta de recursos básicos. Por falta de amor.

Eu tenho medo que tudo isso que aconteceu não foi meramente um sonho, mas sim uma viagem no tempo.

Gabriel Felipe Cancelier Vieira

Mentes inquietas

Pensamentos podem ser traquinas, de certa forma falando. Eles entram em nossa mente, se esgueiram serpentinamente, sem permissão. Alguns são bons, outros melhor nem ter pensado.

O stress, o isolamento, traumas, a depressão... São tantas oportunidades de ouro para pensamentos fujões, que escaparam da cadeia mais profunda, do lugar mais escuro.

Aparecem sem ser chamados! Camuflam-se em partes do cérebro que não deveriam ocupar... Tapam a visão daqueles que buscam uma solução desesperados.

Noites mal dormidas, acúmulo de sujeira, possessão, desespero... click...click... As engrenagens vão enferrujando...

Um dia, um corte... e sangue..., gritos, choro, choque, ligação, vizinhos, ambulância, polícia..... silêncio. Turbulência de emoções.... Será tristeza? Raiva? Desgosto ou desolação? Medo, talvez? Não há como saber.

Vários pontos no pescoço, a médica costura. Um pontinho a mais e o fio da faca corta outro fio, o da vida! Soro percorrendo no corpo, sangue novo precisa fazer. Pessoas feridas, por dentro e por fora. A psicóloga fala pensamentos sábios. Ajuda aqueles que precisam.

Remédios e exames para entender a mente. A família é consolada por amigos que há tempo não via.

O paciente, medicado, vai até os irmãos, a ajuda está com eles. A esposa e os filhos, só esperam, pedem a Deus alegria e paz. Uma bênção para que todos se curem, fiquem bem e de que isso nunca mais se repita.

A mente precisa ser arrumada. Pensamentos intrusivos devem sumir. Perceber quanta dor causa a todos. O homem precisa se tratar e entender que a solidude não fere ninguém. Precisa ser autossuficiente. Buscar auxílio quando precisa e tomar decisões maduras quando a mente ainda é de uma criança. Fazer birra e segurar com todas as forças naquele cobertor que já está rasgado, despedaçado, não é a solução!

Comece uma vida nova. Pessoas novas de espírito. Ares frescos. Pensamentos leves. Alegria e paz nesse emaranhado de caos.

Gabrieli Bialeski Poltronieri

Relatos de um vírus

Amanheceu, logo me peguei olhando no celular e ao mesmo tempo passava na TV, eram notícias sobre um vírus que circulava na China, até então ninguém deu muita bola. Nos aeroportos, fronteiras e a circulação de pessoas insistiam em continuar, mortes foram crescendo e a doença chegando em cada parte do mundo, aumentando cada vez mais. Uma parte do governo recomendava que a população ficasse em casa, para que não houvesse aglomerações assim amenizando o número de contágio, outra parte discordava, diziam que o trabalho era mais importante para não prejudicar a economia do país.

A população ficou cada vez mais confusa, pois não sabiam em quem confiar ou acreditar, é pândego pensar que na era da informação e algo relacionado a ela acaba se tornando banal. Muitas coisas mudaram e foram suspensas, uma delas foram as aulas presenciais, seja em escolas ou universidades que passaram a ser “aulas remotas” aí eu me pergunto:

“E as pessoas que não possuem acesso a tal ferramenta?”

“Como elas vão poder estudar? Perder o ano?”

Acredito que isso é muito injusto com as pessoas que não tem condições de poder ter estudo digno durante uma pandemia. E não para por aí, muitas empresas faliram, surgiu o desemprego, dificuldade para poder manter as empresas. Além disso, pessoas ficaram sem sustento, e dificilmente vão conseguir pagar suas dívidas, ainda a pressão psicológica que muitos de nós brasileiros estão passando nesse momento. Não sabemos ao certo quando tudo isso irá acabar, mas acredito que isso serve como ensinamento para que a gente cuide de quem amamos, mesmo estando longe uns dos outros seria

muito bom colocar a cabeça no travesseiro, acordar e saber que tudo isso não passou de um sonho, que ninguém sofreu ou perdeu seus entes queridos.

Jaqueline Ramos da Silva

Era 2020

Era maio de 2020, as lojas estavam fechadas, não havia ninguém na rua os jovens estudavam online, as pessoas não podiam ir aos centros comerciais e nem ao cabeleireiro.

Seguia 2020, o céu ainda continua cinza, não havia vaga nos hospitais e as pessoas continuam adoecer, então foram postas em confinamentos para proteger-se, acabaram as refeições em famílias, o medo estava eminente e os dias eram todos iguais.

As árvores ficavam mais verdes, as flores floresceram, o sol brilhava e o céu ficou mais azul, as florestas revigoraram, as pessoas começaram a ler e jogar em família, aprenderam outra língua, saíam e contavam em suas varandas e convidavam seus vizinhos a fazer o mesmo.

As pessoas aprenderam a ser solidárias e tinham outros valores, perceberam a importância da saúde, do sofrimento, do mundo que havia parado e a economia que havia ido por água abaixo.

As flores deram lugares aos frutos, os pássaros fizeram seus ninhos, então chegou o dia da libertação, as pessoas ouviram na televisão “O VIRUS PERDEU!”. Então as pessoas saíram pelas ruas, cantavam, choravam, abraçavam, sem máscaras e nem luvas.

Então o verão chegou, mas a primavera não sabia, apesar da morte, do vírus, apesar do medo, ela permaneceu lá e ensinou as pessoas o valor da vida.

Jordana Siqueira

Amor de verão

Era 1967 em Thneedville, uma pequena vila onde os pássaros voavam livremente, os peixes pulavam sobre a água, a brisa do vento refrescava os dias quentes, as pessoas sorriam e andavam sem temer, tudo era calmo e a felicidade rodeava todos.

Sophia acabava de se mudar para essa vila, ela era uma menina de longos cabelos pretos e olhos castanhos, amava ler livros e cantar. Mal sabia que a partir daquele momento sua vida mudaria totalmente. Uma jovem garota que queria viver intensamente todos os dias, não deixava nada para amanhã, acreditava no amor e que um dia iria viver um conto de fadas.

Alguns dias se passaram e Sophia decidiu conhecer a cidade, pois ainda não havia nem sequer saído para comprar alimentos. Era um domingo de verão ensolarado, perfeito para ir ao lago, sua meta era encontrar um, estender uma toalha xadrez vermelha, deitar ali, ler seus livros e comer alguns lanches. Então sem pensar duas vezes, arrumou sua mochila e foi ao lago.

Tempo depois, a jovem menina encontrou um riacho, mas infelizmente não era como ela imaginava, havia várias crianças a correr e muito barulho, olhou ao seu redor e percebeu um caminho não muito aberto de plantas a sua direita, andou até ele e observou, ficou curiosa para saber o que teria no final daquele estreito caminho. Não seria uma má ideia verificar, pensou Sophia.

Andou, andou e parecia nunca acabar a estrada, ficou com medo, estava escurecendo e já pensou em voltar para casa, mas ouviu um barulho de violão e não era muito longe dali, decidiu continuar sua caminhada. Andou mais um pouco e

seus olhos ficaram encantados com o lago, a luz do pôr do sol refletia nele, deixando a água dourada, era deslumbrante. De longe viu um rapaz que estava sentado tocando violão e ficou a observá-lo, Sophia um pouco desastrada derrubou um livro que estava em sua mão, chamando a atenção do jovem para ela, sem pensar juntou-o e saiu correndo, voltou para casa e a imagem do garoto não saía de sua cabeça.

No dia seguinte, a jovem resolveu voltar ao lago, mas dessa vez durante o dia, chegando lá não encontrou ninguém. Decidiu então molhar os pés na água e ler um livro. Estava um silêncio, só se ouvia o cantar dos pássaros, quando de repente sentiu algo encostando no seu ombro, quando olhou para ele viu a mão, subiu devagar seu olhar e sentiu suas bochechas esquentar ao ver que era o garoto da noite anterior.

Foi amor a primeira, os dois jovens tinham muito em comum, gostavam de ler e cantar. Começaram então a se encontrar todos os dias, não conseguiam mais ficar distantes, era um amor igual aos contos de fada, que Sophia sempre sonhou em ter. Mas infelizmente nem todos os contos de amor tem um final feliz.

Já haviam se passado vários anos, Sophia e Adam já tinham se casado, não tiveram filhos, escolheram viajar pelo mundo. Era o ano de 1986, onde uma doença espantou a todos e infectou grande parte do mundo, o casal acabava de chegar de uma viagem, Paris, a cidade do amor.

Dias depois Adam começou a passar mal, logo foi ao hospital e infelizmente foi diagnosticado com a doença, os médicos avisaram que em poucos dias iria atacar os pulmões e se encontraria em uma situação difícil. Passaram-se duas semanas e Sophia recebeu a notícia do seu marido, Adam havia falecido, Sophia não conseguia acreditar naquilo, perdeu o amor da sua vida.

Não teve enterro, nem sequer pode visitá-lo no hospital, ela só conseguia pensar o porquê de ter acontecido aquilo com Adam, um homem tão bom, não podia ter tido um final desses. Aos poucos Sophia foi se adaptando, mas sua vida nunca mais foi a mesma.

Iara Spiss

Não foi dessa vez

Na manhã de um dia frio com muito sol, havia muitas coisas a fazer na fazenda Beijamim, lá havia muitos animais, porém eles viviam de forma diferente do que nós conhecemos. Lá eles eram livres e seu dono Beijamim os cuidava e tratava como bem mereciam. Certo dia ele estava caminhando pela fazenda quando encontrou um senhor, ele carregava muitas coisas inclusive uma pedra roxa, ele tentava convencer que essa pedra dava muita sorte, coisa que o Beijamim precisava, pois no último mês passou um temporal pela sua fazenda dando grandes estragos e prejuízos.

- Bom dia senhor
- Bom dia –respondeu Beijamim
- Posso lhe mostrar uma coisa que vai lhe ajudar Beijamim com tempo...foi até ele ver o que era.
- Percebi que sua vida está indo de bem a pior!

Beijamim concordava, mas o que aquele velho tinha a ver com isso? Ele estava percebendo que o velho andarilho queria passar a conversa tentando vender uma pedra cor roxa sem muita serventia.

- Tenho uma coisa para lhe mostrar, essa pedra apesar de não ser muito atraente carrega muitas funções, a pessoa que a tem será muito bem realizada na vida!

Beijamim pensou e disse:

- Então por que é que o senhor vive desse jeito tendo essa pedra?

O velho ficou quieto e pensou: dessa vez não consegui enganar mais um bobo.

Kemily Schmitz

A pandemia

Tudo começou com um alvoroço nas redes sociais, todos ficaram desesperados, tinham só o pensamento de que iriam morrer e que o fim do mundo estava próximo.

A princípio não me preocupei, segundo a internet já tínhamos passado por uns quatro fins do mundo de uns cinco anos pra cá. Foi então que comecei ignorar os textos desesperados do Twitter, Instagram e Facebook, acredito que a maioria por diversas vezes dei risada de alguma piada na internet e tirei sarro de alguém por ser tão desesperado, não acreditando que tal problema era tão sério.

No dia 12 de março de 2020 foi decretado, o dia em que o Coronavírus se tornou uma pandemia. Shows foram cancelados, aglomerações proibidas, os noticiários diziam que devíamos evitar ao máximo o contato com pessoas, o mundo ficou frio e então também ficou vazio.

— Que lugar é esse que não podemos dar um abraço em nossos pais? Visitar os nossos avós?

Os lugares turísticos mais visitados do planeta como a França, os Estados Unidos, a Espanha, China e Itália, entre diversos outros, se tornaram uma imagem sem visitantes.

O pior ainda estava para acontecer, as economias mundiais, as mais importantes, essas sofreram quedas absurdas. Foi então que declararam, no quinto dia após o início da pandemia. O vírus que até então era considerado como extremamente contagioso passou a ser considerado letal. Pessoas fizeram manifestações a favor da volta ao trabalho, pois o desespero batia em suas portas tendo somente duas opções, morrer do vírus ou ficar em casa e morrer aos poucos pela falta de comida.

No vigésimo dia os barulhos cessaram, não ouvimos mais gritos, carros e buzinas. Pela primeira vez pode-se apreciar o som de um pássaro na árvore. A cada dia se tornou mais difícil. Às vezes não conseguimos entender o porquê desses fatos, mas quando percebo, que pela primeira vez, tons de superioridade, luxos e regalias, não tornam as pessoas imunes, tão pouco diferentes, mas sim iguais. Penso que nunca foi tão primordial a igualdade social.

Luiza Fernandes de Oliveira

O homem que não preveniu e não pode remediar

Em uma pequena cidade no interior do Paraná, com poucos casos de suspeita de COVID-19, vivia uma pequena família composta por quatro pessoas: A mãe Maria que era costureira e catequista, o pai José, que era sapateiro, o filho mais velho Marcos, que fazia faculdade e o mais novo Carlos, que estava quase terminando o ensino fundamental. Aparentemente era uma família feliz, se não fosse pelas inúmeras discussões que a teimosia do filho mais velho causava. Saudável, a última vez que fizeram um exame de saúde foi há 6 anos, em 2014.

Os pais constantemente entravam em briga devido ao comportamento do primeiro filho: O pai queria educá-lo com raiva e castigos. Já a mãe defendia a ideia da educação na base da conversa, pois suas ações seriam exemplo para o filho mais novo: se agissem com violência, o menino cresceria com a ideia de que brigas resolvem as situações, mas se agissem com cautela e serenidade, o menino saberia que a conversa é fundamental para resolver qualquer assunto. Queriam criar e educar muito bem o menor, já que quando o primeiro filho nasceu, o casal não estava em uma boa fase: o pai estava desempregado e usava o álcool para afogar seu sentimento de desesperança. A mãe havia perdido o bebê da gravidez anterior. Os dois quase não se falavam, não sabiam como conviver com tanto sentimento e energia negativa da vida que levavam, e isso acabou afetando muito Marcos, que não recebia tanta atenção e por isso se negava obedecer as ordens dos pais.

O tempo passou, a relação do casal melhorou aos poucos

e alguns anos depois veio Carlos, uma criança doce que apesar de sofrer de uma séria doença respiratória, nunca parou de brincar e estudar até o momento que a quarentena iniciou. Um vírus modificado se espalhou pelo mundo, contaminando diversos países, fechando os comércios e matando milhões de pessoas. Mas isso acontecia principalmente nas cidades maiores, nas menores com menos intensidade, fazendo Marcos acreditar que poderia continuar saindo de casa diariamente, sem usar máscara nem manter distância das pessoas. Seus pais o alertavam a todo instante:

- Filho, fique em casa, agora que sua faculdade fechou você não tem motivos pra sair assim, ainda temos comida e tudo que precisamos, por favor fique em casa.

No fundo Marcos sabia que deveria seguir as ordens que os pais lhe davam, mas seu orgulho e sua teimosia lhe faziam querer contrariá-los e irritá-los, pois mesmo que os amasse, era acostumado a desobedecê-los. Respondia com valentia:

- Ah, isso é besteira, vou sair e não vou pegar nenhum vírus, isso é coisa da TV, eles querem assustar o povo, deve ser alguma manobra política. Se vocês querem dar ordem a alguém, façam isso a Carlos, não a mim.

E saía. Pegava a chave do carro e se dirigia ao mercado, ao bar, a casa de amigos. Fez isso durante 15 dias, e toda vez que chegava em casa falava aos pais que não sentia nenhum sintoma e não iria se preocupar, pois “era forte” e não ficaria doente.

Ele tinha razão, não ficou doente, não teve nenhum sintoma, e nem percebeu que no décimo dia, ao voltar para casa não encontrou seu irmãozinho brincando no jardim como de costume, e no décimo terceiro não viu seu pai consertando alguma sola antiga, percebeu que os dois estavam de cama, sendo cuidados pela mãe que já não dormia direito há dias tomada pela preocupação. Marcos pensou:

__ Será que alguma comida lhes fez mal? Mas isso não os deixaria de cama, nem com falta de ar, nem dor nos pulmões, muito menos com tosse. Quando percebeu que poderia ser o COVID-19, pensou que não era provável, já que os dois usaram

máscara no único dia que precisaram ir ao mercado.

Foi correndo falar com a mãe e decidiram ligar no hospital para contar o que estava acontecendo, mas infelizmente já era tarde. As enfermeiras entraram em estado de alerta e enviaram com urgência uma ambulância, mas avisaram que só havia um leito disponível para suspeitas de covid-19, o que os deixou muito apreensivos. Mas nem precisou de um segundo leito. Carlos morreu a caminho do hospital, por parada respiratória. José conseguiu chegar e ficou internado naquele leito durante eternos dois dias. Eternos pois custavam acabar, 48h de medo, desespero e falta de equipamentos médicos. Antes de falecer, seu José acabou passando o vírus para uma enfermeira de 60 anos. Nenhum dos corpos pôde ser velado, não houve uma despedida para libertação da alma. Da alma de Marcos. Que agora se sentia completamente arrependido por ter agido daquele jeito, por não ter dado ouvidos aos pais, por ter impedido o irmão de ter suas primeiras experiências e ter seguido seus sonhos, por ter impedido o pai de vê-los amadurecer e conquistar o sucesso nas carreiras que iriam seguir. A mãe fez exames que deram negativos para COVID-19, teve sorte, e apesar de tudo não sentia ódio de Marcos, sentia pena e sabia que tudo aquilo que ele não aprendera no amor, aprendera pela dor.

Natalia Cristina Budske

Pão de milho

Um homem conversando com um velho sobre a pandemia disse:

- O senhor viu no jornal sobre a pandemia?

- Pão de milho?

- Não, senhor é pandemia pan - de - mia...

- Mais da onde você tirou pão de milho?

- Pan - de - mia, pan - de - mia... -falando cada vez mais alto e claro, o velho sem entender nada disse:

- Você viu sobre a pandemia no jornal?

O homem meio confuso e nervoso com o idoso respondeu:

- É eu vi.

- Quantas pessoas estão morrendo por um simples vírus que nós nem podemos ver.

- Pois é, muita gente não respeita. E saiu andando deixando o velho para trás.

As mulheres que ali estavam, ficaram olhando o homem e cochichando, ele já sem muita paciência resolveu responder:

- O que é que vocês estão conversando aí?

As mulheres não responderam à pergunta, mas disfarçando elas perguntaram:

- Você estava conversando com aquele senhor sobre a pandemia?

- Sim.

- Estávamos, mas deu pra ver que ele não estava muito interessado.

- Respondeu já dando um pouco mais de atenção a elas.
- Pois é a situação está cada vez mais difícil, principalmente para os trabalhadores sem um emprego fixo.
- Pra você ver como tá difícil pra todos, não só para a saúde.
- Tá difícil pra saúde, economia, educação.
- Resumindo, está difícil pra todos mesmo.
- É.

Depois daquela conversa eles se despediram e cada um foi para um lado.

Chegando em casa o homem resolveu compartilhar com a sua família o acontecido:

- Hoje caminhando pela rua encontrei um senhor que parecia ser gente boa, aí conversei com ele e de repente eu me vi falando com um senhor que acidentalmente confundiu pandemia com pão de milho. Depois encontrei duas simpáticas senhoras cochichando, daí conversamos sobre a pandemia, vim para casa.

Todos sem entender, prestaram atenção no homem, que mais uma vez chegou em casa com uma ótima história para contar e para dar risada.

Camila Nunes Arrial

Solução do covid-19 “cata véio”

Chamava-se Covid-19. Era um vírus. Mais conhecido por corona. Começou a se propagar no oriente, precisamente na China, iniciando sua transmissão em dezembro do ano de 2019 e em menos de um mês já circulava por várias cidades e países. Chegou no Brasil no primeiro trimestre do ano de 2020. O vírus alastrou-se por meio de aeroportos, rodoviárias, metrô, lugares públicos, tanto que virou uma pandemia mundial.

Por ser uma doença viral desconhecida, mesmo que há anos já existia casos desse vírus em animais, nenhum cientista/especialista sabia lidar com um caso novo como este em seres humanos. O pânico e o medo tomaram conta de todo o mundo, inúmeras mortes, casos extremamente graves, pois não existia vacina para a doença.

A única maneira de orientação para prevenção era que as pessoas ficassem em suas casas o máximo possível, usassem máscaras, álcool em gel e lavassem as mãos constantemente. Era muito importante tomar todos esses cuidados, pois esse vírus tinha um curto prazo de sobrevivência e atacava, principalmente, maioria das pessoas pertencentes ao grupo de risco, como os idosos, crianças e pessoas com doenças crônicas. Então se cada um fizesse sua parte, prevenindo-se de forma correta, o vírus não teria hospedeiro e morreria.

Quando chegou ao Brasil, não foi de imediato a difusão por toda extensão brasileira. Em uma cidadezinha no interior do estado do Paraná, chamada Corolândia, o vírus chegou após alguns meses, comparado as cidades grandes. Havia barreiras sanitárias nas áreas de acesso, orientações e leis de bases legais para o uso de máscaras, restrições em ambientes co-

merciais, e assim foi seguindo. Porém, a maior preocupação das autoridades e moradores dessa cidade eram os idosos, que mesmo sabendo que estavam no grupo de risco, não seguiam as recomendações propostas, negavam o uso de máscara, transitavam pelas ruas do município, faziam encontros nas casas uns dos outros, achando que tudo não passava de algo irrelevante.

Após muitas reuniões/discussões os poderes municipais decidiram abrigar esses idosos que não respeitavam. Então, passaram a recolhê-los por meio de um transporte chamado “cata véio” (uma Kombi com adesivos, contendo as regras necessárias e quem as descumprisse seria apanhado). O primeiro caso foi de um grupo de amigas idosas, liderado por Flayra, uma senhora que adorava bater o pé e não fazer jus as ordens, as outras participantes eram Ana, Cecília, Duda e Gabriela que moravam na mesma cidade, enquanto Larissa e Natielly residiam em outros municípios. Mas, quando podiam estavam todas juntas, se reuniam para colocar as fofocas em dia, tomavam chimarrão e comiam pipócas, também produziam macarrão caseiro e bolacha pintada.

Na tarde de um sábado, quando estavam reunidas na casa de Cecília, alguns vizinhos ficaram incomodados com as conversas e gargalhadas altas e realizaram uma denúncia ao conselho municipal. Em alguns instantes o transporte chegou e levou todas ao abrigo, lá elas não podiam se comunicar com ninguém de fora e nem sair. O grupo de amigas já chegou tocando o terror em meio a todos, agitavam discussões com os responsáveis pela casa, buscavam se socializar para fazer amizades, se envolviam em intrigas, principalmente quando a causa era comida ou jogatina, escondiam as agulhas e linhas de crochê das senhoras, causavam alvoroço, gostavam de uma fofoca, achavam paqueras e romances.

Até que num sábado durante um final de festa com muita dança, Ana e Duda se envolvem com dois senhores charmosos que por sinal, eram amigos, marcaram conversas e programas de casais, em uma das noites elas descobriram que os homens são cientistas aposentados. Nessa situação, resolveram entrar numa desafiadora proeza de achar a cura para o COVID-19,

logo as meninas contam para o restante do grupo de amigas, que optaram a unir-se.

Após dias de planejamentos e estratégias, desenvolveram juntas maneiras diferentes de como entreter todos os moradores do abrigo. Chegou o dia, enquanto Cecília e Ana aplicavam uma aula (palestra) no refeitório sobre “economia: caminhos para conquistar seus sonhos após a Pandemia”, Duda resolve fazer atendimentos a quem precisasse de dentista em um dos quartos equipado com instrumentos dentários. Larissa e Natielly ofertavam seus serviços de arquitetas com ideias de decorações em suas casas depois do período de pandemia, pesquisavam qual estilo se encaixava melhor a cada um.

Por fim, todos ocupados, foi hora de entrar em ação, então Flayra afronta as autoridades com uma manifestação para liberarem eles do abrigo, com toda aquela confusão, conseguiram pegar um celular para se comunicar com o pessoal de fora do local, Gabriela sendo uma advogada, tinha muito contato de criminosos, e ligando a um deles pediu para que trouxesse equipamentos com produtos químicos de experimentação e testes dos medicamentos, sendo tudo que continha uma lista que os cientistas pediram.

Tudo pronto no esconderijo, os pedidos chegaram e os cientistas com a mão na massa começaram seus trabalhos, enquanto isso, as meninas continuavam com suas atividades para entreter o povo e ninguém desconfiar do plano ultra secreto.

Gabriela, usando seu celular furtado, novamente faz uma ligação para conseguir alguma pessoa infectada com o vírus, que pudesse ser usada de cobaia, assim sendo possível fazer a realização dos testes. Depois de algumas horas, chegou o indivíduo e a hora da verdade precisava acontecer.

Todos as senhoras estavam aflitas esperando o resultado, até que os cientistas aparecem com a informação de que havia dado certo a fórmula que ali foi criada, a cobaia estava curada e imune ao COVID-19, neste momento elas comemoraram felizes, foram soltas, e espalharam a notícia para a população inteira, levando a cura para todos. Dentre tudo, todas

agradeceram aos responsáveis pelo “cata véio” por terem proporcionado bons momentos no abrigo e além de tudo, a salvação para a humanidade.

Celiane Cesaro

O dia em que a tecnologia assumiu o papel da educação

Foi no ano de 2020 quando tudo aconteceu em uma grande cidade, havia uma professora que estava muito alegre com o início do ano letivo.

Ela fez a reflexão de como tinha sido a sua atuação no ano anterior como professora. Ela se auto avaliou no que havia dado certo e no que precisava melhorar. Fez um planejamento cuidadoso, elaborou novas formas de apresentar o conteúdo e pensando sempre em como envolver mais os alunos e tornar as aulas mais dinâmicas e menos monopólicas. O semestre iniciou e tudo corria muito bem, até que um terrível vírus chegou e começou a ameaçar todos os cidadãos, principalmente os mais velhos, e para sobreviver, todos tiveram que ficar em suas casas até que o vírus fosse embora.

Então os comércios da cidade fecharam apavorados, as igrejas, academias, mercados se obrigaram a cancelar as atividades, as aulas foram suspensas por um tempo indeterminado.

A dona da instituição temendo que os pais deixassem de pagar as mensalidades e verdadeiramente preocupada com a aprendizagem dos alunos, solicitou aos professores que preparassem atividades virtuais, EAD.

A dona da faculdade tinha receio, pois sempre foi contra as aulas à distância, mas não havia outra saída no momento. Ademais, era isso que instituições de outros países estavam fazendo e até os chefes das grandes potências mundiais pareciam dar seu apoio.

A professora então, totalmente desesperada e muito nervosa com a situação não sabia o que fazer, e começou a cho-

rar pensando como ia fazer para trabalhar as aulas com seus alunos, pois justo ela que sempre se dedicou ao máximo para que seus alunos aprendessem em da sala de aula, não sabia o que fazer.

Na sua casa ela acabou adormecendo, durante o sono ela chegou a sonhar com uma fada que apareceu no seu sonho dizendo que tudo iria se resolver em questão de alguns instantes, apenas ela deveria manter a calma, que ela iria espalhar, seu pozinho mágico sobre seu planejamento, sobre a sua casa e de toda sua cidade.

A professora acorda e fica pensando.... que sonho estranho, desde quando fadas existem? Isso só pode ser coisa da minha cabeça, só em sonho mesmo. Então a professora começou a pensar que era capaz de mudar todo o seu planejamento que fez para o bimestre e adaptar às aulas online. Ela precisou ler, buscar em livros, adquirir mais conhecimentos, buscou ferramentas por meios acessíveis para mudar seu planejamento, então depois de horas e dias sem conseguir dormir direito, a professora sentiu muitas dores de cabeça, mas ela percebeu que havia adquirido conhecimentos técnicos e pedagógicos necessários para a elaboração das atividades e assim ela conseguiu fazer a adaptação necessária para aplicar suas aulas na educação à distância.

A professora estava feliz por um lado e triste por outro, feliz que ela aprendeu rapidamente novos conhecimentos, mas o seu maior medo era que seus alunos não estariam preparados para essa mudança radical em suas vidas. A professora então precisou mexer na sua reserva que estava guardada no banco há tempos, para comprar novos meios para produzir melhores lições para seus alunos.

Ela aproveitou que precisava trocar seu computador, arrumar sua internet que vivia caindo em tempos chuvosos e através de uma loja virtual ela adquiriu o novo equipamento, contratou a internet super rápida, um tripé e um microfone. Assim ela estaria pronta para suas aulas online, mas ela sabendo que na sua turma havia um casal de irmãos que não tinham computador em casa, pois eram de família humilde, então com um gesto de bondade resolveu doar seu computador antigo para os irmãos. Por mais que eles nunca tiveram aces-

so a tanta tecnologia eles sempre se destacavam em procurar em livros conhecimento.

A professora foi testar seus novos equipamentos tudo estava certo, a internet estava mais rápida do que antes, mas ela ainda tinha alguns probleminhas pela frente, ela achou que seria apenas dar aulas através de vídeos e pronto. Tinha que aprender a mexer numa ferramenta essencial, o classroom, um sistema de gerenciamento de conteúdos para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos para os alunos. Ele é um recurso do google apps para área de educação e foi lançado para o público em agosto de 2014.

Além disso todos os alunos deveriam criar um e-mail para poder participar das aulas online e acessar a plataforma digital, seria um grande desafio para eles. Estavam acostumados apenas acessar seu portal do aluno para ver conteúdo, verificar matérias que os professores disponibilizavam para eles estarem lendo e fazendo seus trabalhos.

Os alunos no primeiro momento ficaram assustados, extremamente apavorados com a situação, houve muitas críticas dos próprios alunos que falavam que não iam aprender o conteúdo da mesma maneira através dessa plataforma digital, mas foi a única saída para que os alunos não perdessem o ano letivo e não ficassem sem conteúdo.

No início os estudantes estranharam, muitos se desesperaram, choraram e até mesmo alguns alunos pensavam em desistir, pois estavam pagando algo para ter aulas online, eles queriam ter aulas presenciais. Mas a situação foi agravando e o vírus aumentando, então os alunos que reclamavam devido a isso, pararam, refletiram, entenderam que a decisão de aulas online seria a única saída diante da referida situação, pois assim não perderiam o ano letivo e não precisariam estar repondo os conteúdos.

Tempo de adaptação na frente das telas dos celulares e dos computadores, o que antes podia trazer prejuízos e diminuir a concentração, passou a provocar o efeito inverso, principalmente nos mais novos. Os alunos passaram a aprender mais e melhor sem o contato direto com o seu professor e com os

seus colegas de turma, pois assim ele precisava buscar além do que estava na plataforma disponibilizada pelo professor, exigia mais leitura, para construir suas ideias e opiniões sobre os assuntos. Eles ficavam felizes quando recebiam novas atividades dos professores e corriam para fazê-las com muito carinho e dedicação. Para não acumular tarefas, respondiam e não deixavam nada pendente como antes.

Assim como a casa da professora transformou-se num estúdio com tantos equipamentos para transmitir da melhor maneira possível o conteúdo para seus alunos, a casa dos acadêmicos adaptou-se no aconchegante lugar de estudos e pesquisas. Buscavam mais do que antes, as paredes ficaram coloridas de tantos postites e anotações que faziam durante a aula online, eles anotavam tudo o que mais chamava atenção durante a explicação da professora. Nem precisava supervisão, pois as tarefas capturavam toda a atenção dos alunos e quaisquer dúvidas eram imediatamente solucionadas pela professora em seus vídeos.

As atividades desenvolvidas receberam elogios de todas as instituições e associações da região que estavam preocupados com a educação dos jovens e adultos da cidade. Então, não teve uma crítica sequer. Mais do que nunca, os estudantes estavam aprendendo, buscavam adquirir conhecimento, e os professores contentes, super realizados com o desenvolvimento dos alunos. É claro que durante todo esse processo houve uma grande preocupação com a preservação da imagem dos professores e, deste modo, os vídeos só podiam ser acessados com finalidades estritamente educativas.

Quando o terrível vírus finalmente foi embora, todos puderam retomar suas atividades, voltar para as salas de aula, com melhor aprendizado a partir da situação vivida. Não existiam dados concretos, mas a impressão de todos é que as desigualdades educacionais diminuíram, assim os dias letivos e a carga horária foram preservados. Todos aprenderam que nesse tempo de pandemia pelo mundo inteiro, ninguém e nada substituirá o professor em de sala de aula, e que aulas presenciais sempre serão a melhor opção.

Claiton Farias

O golpe financeiro

Durante o século XXI a atual sociedade que habita no planeta terra, está aterrorizada com o decorrente fenômeno (Covid-19) declarado pandemia, o vírus está percorrendo por todos os países do mundo, sua proliferação acontece de uma forma muito ágil, em que suas características são invisíveis, sendo assim impossível de identificar sua localização.

Segundo dados do jornal Mundo Terra, o vírus Covid-19 veio através de uma bomba invisível jogada pelo povo do hemisfério china, com o intuito de dominar o mundo, ocasionando uma grande crise em todos os países, mas para estes não afetaria sua economia, pois seus produtos são importados do exterior.

Até o momento o que sabemos desta bomba é que ela foi criada em um laboratório específico, em que sua composição possui diversas substâncias químicas muito fortes, dificultando assim para que outros técnicos graduados consigam fazer um antídoto para imunizar os indivíduos e diminuir os óbitos, restabelecendo a economia dos países e passando para os mesmos paz, provando que tudo ficará bem.

Com a pandemia e as crises os produtos transportados para o hemisfério china, teriam um ótimo preço, para vender, os produtores e comerciantes serão obrigados a reduzir seus valores, dando lucro para quem importa do nosso país. Com o mundo em isolamento pequenas e grandes empresas entram em crise. Até então no mês de maio de 2020 o devido golpe está sendo executado com total sucesso, a cada dia aumenta a gravidade.

No Brasil os sintomas do determinado vírus são precisa-

mente parecidos e é, uma simples gripe, como declarado pela vossa majestade Minions. Porém a pergunta é: Se for apenas uma gripe por que está gerando tantas mortes?

O número de óbitos nunca havia se elevado em tantos anos, exceto em 2009 com a gripe suína (H1N1) em que foi declarado um surto global com 500 mil mortes. Outro vírus que impactou globalmente foi a Ebola que teve 3 grandes surtos um em 1995, 2007 e o mais recentemente em 2014, causando 12 mil mortes. Tendo visto esse processo histórico ainda assim o Covid-19 é mais grave pela questão do tempo passar e não achar um medicamento para a cura.

A cada segundo que passa mais pessoas são infectadas pelo vírus, no mês de maio de 2020 há registros de 5.304.772 casos confirmados causando assim inúmeras mortes totalizando um número de 342.029 pelo mundo todo, passando o número de óbitos dos vírus anteriores, tendo visto que o Brasil possui 347.398 desses casos confirmados e 22.013 mortes. Nossos prefeitos e governadores eleitos estão tomando todas as medidas possíveis para evitar essa proliferação e assim a diminuição do número de óbitos, tomando medidas cabíveis para ajudar todo e qualquer cidadão.

Foram utilizadas barreiras no início e final das cidades, tendo o intuito de amenizar a deslocação da população para outros municípios e também a chegada de pessoas de outros lugares, pois assim a probabilidade de o vírus chegar até nós seria maior, então foi assim pensado, que se as estradas principais de entrada e saída fossem interditadas não seríamos afetados por essa bomba de substancia contagiosa, pois não teríamos o contato com outros.

Como percebemos o resultado não foi como o esperado, não adiantou ficar dias e dias em meio às estradas, para que algo dê certo precisa da colaboração de todos, e nesse caso da proliferação do vírus é necessário que as pessoas se conscientizem, cuidem-se e se isolem, pois o assunto não é brincadeira, porém em alguns casos é necessário algo de grave ocorrer para que estes entendam a gravidade da situação.

No início dessa pandemia acreditava-se que todas as pes-

soas estariam condenadas, pois o clima estava tenso, o assunto mais abordado nas redes sociais, jornais e artigos foi o Corona vírus parecendo assim um filme de terror, pois ao anoitecer ocorria carreatas de carros da polícia, ambulância, bombeiros e um carro de som anunciando o apocalipse, solicitando assim para que a população ficasse em casa, pois a proliferação do vírus já havia chegado em nossa região, no sudoeste do Paraná.

Os sintomas apresentados pelo Covid-19 é: tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade de respirar e dependendo a gravidade pode ocasionar uma grave pneumonia. Além dos sintomas físicos afeta também a parte psicológica dos indivíduos devido aos vários fatores que influenciam, principalmente a crise econômica que causou grandes impactos.

Devido ao isolamento e a proliferação do vírus está sendo questionado qual é a melhor decisão tomar, pois as opções são cruéis para quem precisa trabalhar, você vai trabalhar e pega o vírus ou você fica em casa e passa fome, os indivíduos possuem status diferentes em relação a classe social, em que as medidas tomadas não são viáveis para todos, porém nosso querido governo Miniano está só assistindo o ocorrido, pois as pessoas mais prejudicadas são as das classes trabalhadoras, as quais os governadores e presidente não fazem parte.

Segundo o jornal Original de Panda as classes trabalhadoras são representadas por pessoas do proletariado, ou seja, aquelas que vivem da venda de sua força de trabalho, as quais não têm a possibilidade de ficar em isolamento sem trabalhar, pois necessitam de seus pagamentos para suprir com suas necessidades diárias. O auxílio emergencial não supre todas estas necessidades, pois as contas e boletos não foram vedados por este período de crise, então consequentemente os gastos serão os mesmos valores que os outros períodos.

Aconselha-se a população para que fiquem em casa se possível, porém se esta não poder é obrigatório o uso de máscaras e álcool em gel, manter uma distância mínima de 1,5 metros das pessoas e evitar o toque e higienizar bem as mãos várias vezes ao dia, pois se seguir estes passos estará cuidando de si e de sua família na qual convive diariamente. Muitas

peçoas pensam “eu sou forte e não faz nenhum efeito em mim”, porém em algum membro que vive com este não seja tão forte assim, manifestando o vírus, agravando a situação pode levar a óbito, então se você ama sua família e a humanidade, cuide-se.

Clediane Garlet Reichert

As máscaras de dona amélia

Era uma vez em que todos os dias eram bons.

A rotina fazia parte da vida de todas as pessoas, mas isso tudo estava para mudar. Quando de repente, chega um vírus chamado corona vírus (covid-19) mudando tudo radicalmente, rapidamente governantes procuram medidas de proteção para toda a sociedade, então é decretado o fechamento de escolas e universidades e lugares públicos para não haver aglomerações de pessoas. A frase mais ouvida é: “fiquem em casa”.

Mas por algumas necessidades não demorou muito para que outras medidas de proteção fossem necessárias, então a ordem agora é extremamente obrigatória o uso de máscara para todas as pessoas que saírem de suas casas.

É chegada a hora de Dona Amélia aproveitar o momento para ganhar um dinheiro extra, e foi o que ela fez, começou a confeccionar máscaras, entretanto, a demanda foi tanta que Dona Amélia trabalhou três dias sem parar, não parava nem para dormir, era máscara de todos os tamanhos par adulto e criança, masculinas e femininas, com cores diversas e estampas variadas pois as máscaras já faziam parte do Luke diário das pessoas.

Dona Amélia empenhava-se na confecção para conseguir atender a todos, pois ela sabia que aquele momento terminaria com o passar dos dias, contudo quem comprava as máscaras as lavava para reutilizar, automaticamente a confecção iria diminuir.

Os dias passaram e as vendas foram diminuindo gradativamente como se esperava, Dona Amélia sentia-se muito feliz, pois tinha aproveitado o momento para ganhar sua grana extra e também contribuiu com a medida de segurança para com as pessoas.

Cleci Ap. B. dos Santos

Cuidado comigo...

Sou a covid-19

Meu nome é COVID-19, sou uma doença que está causando pânico nas pessoas de todo o mundo, ainda não foi encontrado uma cura para mim, e isso faz com que mais pessoas me peguem, estou causando muitas mortes, e nos países afetados o alerta foi de pandemia. Com isso o cenário econômico está indo de mal a pior, e não se sabe quando vai acabar.

Então amiguinhos meu nome é Covid-19, e para que vocês me conheçam melhor irei me apresentar. Sou uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, pertencço a família da corona vírus, esse vírus atinge os animaizinhos e os seres humanos.

Sou uma infecção, que se inicia com um quadro parecido de um resfriado, no entanto posso me agravar e causar óbito. Meus principais sintomas são, febre, tosse seca e dificuldade respiratória.

Nasci na China em 2019 e em seguida passei a povoar outros países, mas como sou um vírus, deixo pessoas dodói em cada lugarzinho que passo, causo muitas mortes, pois as pessoas não me levam a sério e não se cuidam, foi quando tudo virou um caos. Começaram a se cuidar e se proteger de mim, quando cheguei ao Brasil, as pessoas já estavam se preparando para não me pegarem, mas como a maioria da população teria que trabalhar acabaram se contaminando por mim, por mais que tomassem cuidado. Os hospitais já não tinham mais lugares para todos, chegou março de 2020, a primeira pessoa morreu por minha causa.

Vou contar um segredo para vocês, para assim me evitarem. Como papai e mamãe já devem ter explicado, agora todos tem que se isolar, ficar em casa, deixar de ver os amiguinhos, sem ir para escola, até de ver o vovô e a vovó, pois eles fazem parte do grupo de risco e são mais frágeis, eu posso fazer muito mal a eles. Como já devem ter ouvido quarentena não são 40 dias mais sim 14, quem tem algum sintoma deve ir até uma rede próxima de saúde para ver se não me pegou, e assim ficar isolado por 14 dias, se tiver com algum sintoma.

Alguns cuidados podem ser tomados, vocês só podem sair se realmente precisar, ir ao mercado, farmácia, etc. Só deve ir uma pessoa da família, até por que o risco de me pegarem é maior, ao sair de casa sempre utilizem máscaras, e carregue com vocês um frasco de álcool em gel, para sempre passar nas mãos, assim que encostarem em algum lugar. A água com detergente ajuda muito também, você só deve esfregar uma mão na outra por 20 segundos, pois somente depois desse tempo que você conseguirá me matar. Ao espirar ou tossir cubra a boca ou nariz com o braço, nunca com as mãos, pois se você estiver com dodói irá passar para outra pessoa.

Patricia Maiara Muller Zanatta

Professor de épocas remotas

Assim iniciava este conto em meados de 2020, retratava um pouco da minha realidade de ser professora diante de uma devastadora pandemia que enfrentávamos por longos dias e meses, onde todos buscavam dar uma pausa a um vírus enquanto não se tinha a cura.

Seguíamos uma rotina, sem muitas novidades, políticos falando merda o tempo todo, promessas e mais promessas de ruas a serem asfaltadas, era de casa ao trabalho e assim sucessivamente, indo e vindo em estradas esburacadas e empoeiradas de um lindo lugar interiorano.

E como a vida sempre foi feita de surpresas, o mundo inteiro foi surpreendido pelo Covid-19, vírus esse que matava milhares de pessoas no planeta terra em questões de minutos. Estávamos à deriva de um cenário assustador que parecia mais um filme, daqueles bem antigos, de guerra, e muitos ainda acreditavam que era sido isso mesmo.

A China, um dos países mais populosos naquele momento desenvolveu em laboratório o vírus, que causou mortes devastadoras no mundo inteiro, uma guerra que venceram sem armas nucleares, mas sim por um vírus que silenciou países e pessoas por um bom período de tempo.

E como a vida não pode parar, a prevenção era a ordem, tomei os cuidados necessários, como uso de máscaras, álcool em gel e isolamento social. Isso tudo foi de extrema importância para nos manter protegidos.

Aquele tempo foram de dias de aprendizado, trabalhei em barreiras para o controle de pessoas para evitar a contamina-

ção da doença, e o mais desafiante de todos, ser professor em uma pandemia!

Parecia ser tão simples fazer uso de uma ferramenta de vídeo e um aparelho celular, mas como eu iria transformar isso a favor do aprendizado dos meus alunos e de mim mesma? Como eu daria conta de tudo isso sem poder ter o contato, a troca de olhares? Pois é... foi aí onde iniciava as minhas indagações, as preocupações, a busca por remédios no controle da ansiedade e sim, muitas noites sem dormir. Era a faculdade que sobrecarregava com aulas remotas, exigindo mais de mim para obtenção do aprendizado, eram também, crianças precisando de mim e dos meus conhecimentos. Confesso, conciliar isso foi muito difícil, virar “Youtuber” nunca foi minha especialidade, mas se fez necessário naquele momento.

A escola, estava vazia, as carteiras não estavam mais fora do lugar, não havia mais varal de atividades, tudo estava sem vida. Porém, as crianças continuavam com o espírito vivo, com o desejo de aprender, com a vontade de conhecer e transformar, por isso, a escola passou a ser a própria casa.

Assim nos desafiámos, me refiro à família, crianças e a escola como um todo, pois transmitir o conhecimento via mobile learning foi uma novidade e uma dificuldade para todo mundo. Era hora de se reinventar, os pais passaram a conhecer seus filhos, e nós professores, readaptamos nossa brilhante maneira de ensinar, o que causou grande impacto nas famílias, pois perceberam a importância do papel do professor como mediador do conhecimento, faziam com que pequenos surtos de valorização surgissem.

Quarentena continuava, trabalho e faculdade se encaixaram na nova rotina, as crianças conseguiam aprender, tudo estava dando certo até que tudo voltasse ao normal, eu como professora em épocas de pandemia digo que:

Ser professor é...

Ser professor, é ser um ser de luz, um livro aberto cheio de conhecimentos para transformar e ensinar a transformação.

Ser professor, é ir à luta e ganhar a guerra em meio a tantos bombardeios de desrespeito e desvalorização.

Ser professor, é enfrentar um batalhão de soldados, todos com lutas diárias diferentes de si, alguns enfrentaram monstros psicológicos, outros só objetivaram dar o melhor de si a cada dia, uns frisaram lutas diárias contra suas dificuldades e outros simplesmente ganharam coragem para enfrentar a família dia após dia.

Ser professor, é amar e não olhar a quem, é saber se doar de corpo e alma para transformar vidas, ser humilde o suficiente para alavancar médicos, advogados e empresários.

Ser professor, é ter a inteligência e a audácia de um mestre Yoda, a força de Rey e a insistência de Leia, para enfrentar vários e vários Darth Vader.

Ser professor, é espalhar o bem, ser um exemplo de força e coragem para o mundo.

Ser professor, nada mais é do que ser gratidão.

Natalia Gnoatto

Seu José, não acreditava

Brasil, São Paulo, Sábado, 18 de abril de 2020. Fazia uma bela noite na cidade de São Paulo, em sua residência José Carlos, de 54 anos, com cabelos e bigode brancos, espichado no sofá, assiste no telejornal a seguinte notícia:

__ Números do novo Corona vírus aumentam, são 36.925 casos confirmados, com 2.372 mortes, em território brasileiro. São Paulo é o estado que detém a maior quantidade de casos e vítimas fatais, com 13.894 e 991 respectivamente.

A jornalista Carmem Lúcia, bem arrumada, não apresenta seus 40 e tantos anos, prossegue noticiando:

__ As pessoas que fazem parte dos grupos de risco como: idosos, imunodeprimidos, pessoas com enfermidades pré-existentes, crianças e gestantes devem permanecer em casa. O isolamento social é fundamental para que esses números diminuam.

Ao ouvir a notícia do quarto, Caroline, filha de José Carlos, de lindos cabelos longos no auge da jovialidade com seus 21 anos, aparece repentinamente na sala, surpresa com o que a jornalista acaba de anunciar, expõe sua preocupação:

__ Minha nossa pai!!! Não tinha noção de que os casos tinham aumentado tanto assim. Preocupo-me muito com sua saúde, tenho que ir trabalhar todos os dias e mesmo utilizando máscara e passando álcool em gel, tenho insegurança, pois posso trazer esse vírus para dentro de casa.

José Carlos acredita que esse vírus é somente uma gripezinha, retruca indignado:

- Isso é uma bobeira filha, os jornalistas aumentam as in-

formações para ganhar IBOPE. De um grão de areia fazem uma tempestade. Não precisa se preocupar comigo, posso ir aonde eu quiser, tenho vitalidade para isso. Não é uma simples gripe que irá me pegar.

- Mas pai...

- Mas pai nada, esquece essa notícia, não quero que fique colocando coisas ruins na cabeça, consigo e vou fazer minhas coisas sozinho como sempre fiz. Já estou aposentado, tenho 54 anos, mas não vou deixar de sair de casa, passear e ver os amigos.

Mesmo Caroline sabendo que seu José tem diabetes, outro fator de risco para o Coronavírus, não pôde impedir que o pai saísse de casa, pois sabe como é cabeça dura e não aceita o que é recomendado, como ficar em casa e mandar alguém que não esteja no grupo de risco realizar tarefas na rua.

Alguns dias passam, os casos do Covid-19 aumentam e na casa de José Carlos, há algo diferente.

- Coof, coof, coof!!! Que tosse que não passa, me sinto tão cansado e indisposto hoje Carol, mas não deve ser nada, sou forte.

- Pai o senhor deveria ir consultar, vai que seja o coro....

- NÃO FALE NESSE VÍRUS AÍ, TÔ CANSADO DE OUVIR SEMPRE A MESMA COISA!!!

- Tudo bem pai, mas depois não diga que eu não avisei tá.

Os sintomas de José pioram tanto que precisa ser levado as pressas ao Hospital Epitácio Silva Neto, próximo da residência da família.

Ao chegar ao hospital, Caroline explica a situação e diz que por último o pai estava queimando em febre e com dificuldade de respirar, motivos pelos quais ela praticamente o obrigou a ir consultar.

Alguns exames são realizados, os médicos percebem que a taxa de saturação está baixa, precisando que seu José seja entubado urgente, ou logo não conseguiria respirar.

Ao saber da notícia Caroline fica desesperada e começa a chorar. Outro médico pergunta a garota se ela também tem algum sintoma, ela diz que não. Da mesma forma ele deci-

de realizar um teste rápido para tirar a dúvida. Depois de algum tempo, o teste afirma positividade para o Covid-19. Porém ela é assintomática, devendo somente permanecer em isolamento.

A garota volta para casa e comunica seu chefe que adquiriu o vírus, provavelmente do pai que não se cuidou como deveria.

Mês de maio começa com notícias boas, depois de 15 dias internado na UTI necessitando de ventilação mecânica, seu José Carlos finalmente vai para um leito normal, já está quase curado do vírus.

Depois de mais de 20 dias, pai de Caroline recebe alta. Quando ela chega ao hospital vê uma bonita cena, pois seu José está agradecendo a todos os médicos e demais profissionais da saúde que o ajudaram a se manter vivo. Ele exclama:

— Percebo hoje o quanto fui irresponsável!!! Quase morri por ser cabeça dura e não aceitar as medidas de proteção que estavam sendo divulgadas por todos os cantos!!! Poderia ter passado o vírus para as outras pessoas, principalmente para minha maior riqueza, minha filha!!! Hoje só tenho a agradecer a todos vocês e dizer que daqui em diante farei minha parte, terei empatia com as outras pessoas, isso tudo foi uma grande lição para mim!!!

No caminho de casa Caroline conta então que também esteve com o vírus. O pai com ar de preocupação pergunta:

- Como você ficou? Sentiu dor?

- Não pai. Não tive sintoma algum. Fiquei muito preocupada com o senhor, você não deve ser tão cabeça dura, agora acho que aprendeu uma lição, né?

- Sim, minha filha. De agora em diante sou uma nova pessoa. Vou me cuidar de toda a forma, para principalmente proteger quem eu mais amo. Você.

Caroline então para o carro e abraça o pai, dizendo que o ama e que daqui em diante eles serão mais unidos do que nunca.

Cristina da Silva Belusso

O sono de maria

Em uma noite em que o silêncio se toma de solidão, deitada na cama com uma mente vasta e aberta à espera do sono, Maria se depara com pensamentos críticos, se pergunta o que aconteceu com o mundo? O que aconteceu com as pessoas?

Nestes questionamentos a si mesma relembrava dos momentos aos quais vivia quando era criança e tudo era só diversão, as brincadeiras de rua junto aos amigos que tardavam o dia apenas brincando. A simplicidade das pessoas que se cumprimentavam com um simples bom dia, boa tarde, ou boa noite, olhando nos olhos, olhos que se encontravam vidrados em uma tela que clareava suas faces.

O mundo ao qual vivíamos, as pessoas foram mudando ao longo do tempo, dava-se espaço à tecnologia, que por sua vez ocupava o tempo e tomava atenção das pessoas umas com as outras, a ignorância e o menosprezo faziam parte da humanidade.

As crianças já não brincavam mais, os cumprimentos deixaram de existir, quem sabe ainda havia alguma dignidade em seus corações ao ponto de mudarem seus pensamentos para assim mudar seus hábitos que os tornava robôs, que apenas viviam por viver sem se quer haver algum motivo.

O que jamais se imaginava, “o dia em que a terra parou” assim como já dizia Raul Seixas em sua canção.

O dia em que uma simples demonstração de afeto como o abraço seria algo proibido, para assim conservar e prevenir a saúde de todos, onde as pessoas mais velhas, as que carregam em suas mentes as histórias mais belas, jamais poderiam sair de casa por conta de um vírus. O dia em que as ruas vazias e

frias soavam apenas o cantar dos pássaros, que só quem estava nas janelas de suas casas podiam ouvir. O dia em que o pai a mãe e os filhos podiam almoçar e jantar juntos à mesa, hábito que antes era raro de se ver.

Quem diria que aquela vida que uma vez existia faria tanta falta, não é?

Os encontros com os amigos para aquela festinha, o abraço quente e aconchegante que já não se podia mais, o sorriso que era tampado por uma máscara, tudo isso fazendo-nos lembrar dos momentos bons que tínhamos e nunca demos valor. A TV e o rádio anunciavam notícias que jamais imaginaríamos que algum dia aconteceria.

Talvez tudo isso que acontecia tinha sim um propósito, algo que cada um em sua casa, assim como Maria, quando ao deitar em sua cama refletia sobre o mundo, e se permitia questionar sobre o que acontecia? O que eu fiz e o que eu faço? E o que eu posso fazer. Relembrar os momentos bons pelos quais passamos, talvez ligar para aquele velho amigo que já não vê há tanto tempo para matar a saudade, relembrar os momentos juntos pelos quais passaram, momentos de perdoar, de agir e de ser mais afetuoso com o próximo, o mundo precisava e a humanidade também.

Algum dia tudo isso iria passar e as pessoas que se encontravam isoladas do mundo, voltariam a viver intensamente com seus propósitos, quem sabe com mais dignidade e esperança por uma nação melhor, que todos se abraçariam sem ter perigo algum, que os olhares e os sorrisos iluminariam os dias de quem os via, assim dorme Maria que sem ao menos ver o sono chegar, sonhava com um mundo melhor.

Daiana A Lemos

A vida não é a mesma

Dakiva que tinha 31 anos na época do acidente, sofreu lesões cerebrais quando o carro onde estava bateu num ônibus. Ela tinha acabado de buscar o filho Lion na escola, onde levava e o buscava todos os dias da semana.

Quem estava conduzindo o veículo era o marido de Dakiva, que teve alguns ferimentos. O filho, Lion, que tinha seis anos na época, estava no banco de trás do veículo sofreu algumas lesões, Dakiva foi internada e entrou em coma, Lion relata que a mãe estava ao seu lado e o abraçou intensamente ao perceber que o carro estava sem controle.

O tempo foi passando e a recuperação de Dakiva não era como o esperado, transferida para um hospital maior para atender suas necessidades. Lá, declararam que ela estava em estado vegetativo, inconsciente, mas capaz de sentir dor. Durante esse período, era alimentada por um tubo e fazia diariamente fisioterapia, para que os músculos não atrofiassem, seu filho e seu marido Bélumi a visitavam todos os dias para que ela não perdesse a memória. Enquanto Dakiva passa por esse tratamento no hospital, seu marido Bélumi e seu filho passam por uma terrível epidemia que nem imaginávamos, nomeado oficialmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como COVID-19, surgiu em dezembro do ano de 2019, na cidade chinesa de Wuhan. Até onde sabemos os coronavírus são uma ampla família de vírus, mas sabe-se que apenas seis deles (com o novo descoberto são sete) infectam humanos, a maioria dos casos está na China, mas há registros em dezenas de países em quatro continentes.

Bélumi assim como os demais funcionários de uma empresa são demitidos temporariamente para corte de gastos. Ele conta que, ao menos, outras 215 pessoas que também trabalhavam na empresa de terceirização foram demitidas. Eles foram informados de que seriam dispensados por meio de uma mensagem de WhatsApp encaminhada pela companhia, dizia que o Estado havia cancelado o contrato, por não haver previsão para que as aulas retornassem. ___ O jeito é continuar rezando, porque as contas não param de chegar. Ninguém suspendeu pagamento de água, luz ou internet. Diz Bélumi, e agora com a esposa internada e o filho sem ir à escola ele precisava ajudá-lo nas atividades pedagógicas que a escola oferecia. Lion estava no terceiro ano do ensino fundamental, uma vez por semana buscava as apostilas para que ele continuasse seus estudos. Levava as concluídas, notava a importância dos professores, com a situação e o que faziam. Via que muitas vezes com toda a situação que passava não conseguia ter paciência com meu filho, sabia que ele não tinha absolutamente nada ver, parava, respirava e retomava até concluir.

Com a pandemia o hospital diminui as visitas de Bélumi a sua esposa, era angustiante pois eu e Lion sentíamos constantemente a falta dela, Lion que tinha oito anos estava no quadro de risco. Ela contraiu o vírus, ele não pode ver a mãe.

Para diminuir a saudade fiz com que Lion relatasse como foi seu dia.

- Oi mamãe estamos em quarentena, assim estava sendo chamado esses dias que estava sem ir à escola, sinto sua falta, o papai está dando seu melhor para me ajudar nas atividades que minha professora está passando. Sabe mamãe ele está preocupado com as contas, pois ele não está trabalhando, sinto falta de jogar bola com meus amigos também, de irmos aos domingos à igreja.

Mamãe eu e o papai pedimos todas as noites em nossas orações para que esse vírus vá embora, e que você acorde, assim poderemos superar isso juntos, o papai está se virando com um auxílio emergencial que o governo disponibilizou para pessoas que precisam. Nós estamos sendo fortes

mamãe e deixando as coisas todas organizadas para quando você chegar em casa, eu cuido de suas plantas e flores me lembro delas pois são tão lindas assim como você, te amo, volte logo minha mamãe, estou com muita saudades. Na manhã do dia 03/04/2020 Dakiva acorda do coma, seu esposo foi avisado e imediatamente correu ao hospital, ao entrar no quarto ele se deparou com sua esposa acordada. Bé-lumie não conteve a emoção, Dakiva passaria por uma bateria de exames e ficaria em observação por mais alguns dias, ela fazia parte do quadro de risco.

Dias após dias Dakiva apresentava melhoras, seu esposo que não a abandonou e nunca desistiu dela, diz que a esperança que ele tinha era a força de sua mulher. Era algo que só Deus explicaria e ele contribuiu para que isso fosse possível diz o médico de Dakiva. A emoção de Lion ao rever sua mãe após muito tempo foi algo emocionante, ele entra no quarto com as flores mais lindas e cheirosas que escolheu juntamente com seu pai. Um mês depois Dakiva recebeu alta e foi para casa com seu marido, diante de toda a situação Dakiva ficou preocupada assim como os demais, a espera pela cura desse vírus e passaram os dias se cuidando, em isolamento como era aconselhado pelas autoridades, através de mensagem ela se comunicava com seus familiares deixando-os mais calmos com sua melhora. Lion seu filho, era um menino muito esperto fez companhia à mãe e a deixava informada sobre tudo, diante do tempo que ela estava em coma. A situação que todos passaram foi algo inesperado, mas se cada um fizer sua parte poderemos sair dessa e logo tudo voltará a ser como era antes, pois isso nos serviu de lição que deve-se amar intensamente nossos familiares, amigos, professores, que cada pessoa tem seu valor, que a vida é curta e não sabemos o dia que vamos partir, por isso importante amar e respeitar o próximo diariamente.

Débora Patricia Vinchiguera da Silva

Como veio a covid-19

Passamos por um momento histórico no mundo de pandemia, o Covid-19, vírus que veio da China e se expandiu rapidamente por todo mundo, o primeiro caso foi Whuan na China no ano passado, desde então só foi aumentando o número de infectados, primeiro pelo continente asiático e depois por outros países.

Aventa-se que este vírus se deu pela má questão sanitária, mercado livre de animais, eram vendidos morcegos vivos, ratos, e estimasse que essa mutação ocorreu ali.

Em fevereiro a transmissão se propagou pela Itália e Irã, onde foram muitos infectados e vários mortos, após o vírus chegou no Brasil, e assim foram tomadas medidas preventivas pelo governo, aeroportos foram fechados, as pessoas ficaram isoladas em suas casas, houve um índice de desemprego em prol da pandemia.

Cada estado adotou seu decreto, passado pelo ministério de saúde e as orientações passaram a ser seguidas. No Paraná, as cidades tiveram nos primeiros 10 dias isolamento social, seu comércio fechado, as entradas e saídas tiveram barreiras sanitárias para monitorar as pessoas que entravam e saíam das cidades.

As escolas experienciaram suas aulas suspensas, pois não podia haver aglomerações, assim como as igrejas cancelaram todas suas missas, a catequese. Foi o dia em que a terra parou.

Os postos de saúde dos bairros ficaram fechados só funcionou o do centro, o hospital 24 horas de Ampère foi dividido em 02 partes, para os casos de suspeito de covid e para pessoas com outras doenças.

Os sintomas do Covid-19 são muito parecidos com o da influenza, febre, cansaço, tosse seca, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Mas depende muito da imunidade das vítimas, pois a pessoas dos grupos de risco, que são os que tem pressão alta, problemas respiratórios, doenças crônicas.

A maioria das pessoas tem recuperação rápida, depende muito das condições de saúde delas, como foi citado acima. Outros tem que ser internados e intubados.

Não há vacina para o controle, embora muitos cientistas estão fazendo pesquisas.

O importante ressaltar sobre as medidas de proteção, o uso de máscaras, usar o álcool em gel, lavar as mãos sempre, higienização, manter-se um metro de cada pessoa, pois através da gotícula de saliva dá-se a contaminação.

Um dos infectados, foi o médico da China que descobriu o vírus e alertou os colegas sobre o assunto, foi punido pelo governo, contraiu o vírus e faleceu, o oftalmologista recomendava aos demais para se proteger e evitar a contaminação.

Os abraços, o toque, o aperto de mão, foram proibidos, tudo para evitar o vírus.

O que esse vírus fez foi unir mais as famílias, pois foi passado por várias pandemias, na história humana passamos por acontecimentos, pois precisamos aprender com isso e desenvolver novos hábitos, valorização da família, no isolamento social pensar mais no outro, ter empatia. Melhorar nossos sentimentos os valores morais, edificação dos nossos interiores.

E pensar num novo mundo pois o mundo não vai ser o mesmo diante de tudo isso.

Edineia dos Santos Hauenstein

O escudo protetor

Era uma vez, um reino tão, tão distante, isolado de todo o resto do mundo, onde viviam criaturas más e muito fedorentas, governados pelo rei chamado Covid-19. Certo dia aconteceu algo inesperado, as barreiras de proteção do reino haviam sido derrubadas por seres humanos, criaturas que só pensavam em destruir a natureza e deixar lá com cara de cimento. Então se iniciou uma batalha entre os invasores e os moradores do reino, e ao final todos os mais diversos vírus ali existentes foram derrotados.

O rei, muito enfurecido prometeu se vingar, onde jurou que um dia se espalharia por todo o mundo e destruiria tudo, da mesma forma que aconteceu em seu reino, e com isso pegou tudo o que havia restado do seu castelo e juntamente com sua família foram todos embora, em busca do reino Terra onde habitavam seres humanos.

Com muita ira e sede de vingança o rei Covid-19 causou uma tremenda destruição por onde passava, matando milhões de seres, deixando outros tantos enfermos.

O reino parou, quanto mais os humanos buscavam por uma solução para acabar com o rei invasor, mais ele destruía. A situação se agravava cada vez mais, os governantes do reino Terra se reuniram e convocaram o poderoso rei para que fossem tomadas atitudes para proteger a população em geral. Todos chegaram à conclusão que deveriam acionar o alerta vermelho para a situação e buscar proteção. Toda a população deveria ficar em casa, tomar os devidos cuidados para não deixar o vírus entrar, usar máscara e passar álcool em gel nas mãos sempre que possível. Mas, muitos não deram atenção ao alerta verme-

lho e continuaram saindo pelas ruas, aos poucos um por um foi sendo contaminado e muitos acabaram derrotados pelo rei Covid-19 e sua família.

Sabiam que todos corriam grave risco, o rei da Terra reuniu todos os profissionais de saúde do reino, e deu ordens para que todos se protegessem e para que fossem em busca de uma cura. Então uma médica muito corajosa e destemida foi em busca do reino dos Seelies, que são criaturas fadas que protegem a natureza e tudo o que ali habita. A médica encontrou-se com a rainha Se ele e contou o que estava acontecendo no reino Terra, destruição causada pelo rei Covid-19, e com isso a rainha preparou uma poção mágica e entregou para a médica, ordenou que fosse usada logo, pois tinha um poder muito forte. Ao retornar para o seu reino, a médica distribuiu um pouco da poção para toda a população, assim por diante, a poção foi sendo entregue para todos que habitavam no reino Terra. O rei Covid-19 percebeu que estava sendo derrotado, fugiu e desistiu de sua vingança, voltou para o seu reino abandonado e destruído. Construiu uma muralha poderosa e prometeu que caso fosse perturbado e invadido novamente, não desistiria e devastaria o reino Terra, até o último suspiro de um ser humano, destruindo a todos.

Eliane Kruppenauer

Acesso a saúde em tempos de pandemia

Março de 2020. Chega ao Brasil a pandemia do covid-19 fazendo com que as autoridades competentes ao autorizar medidas para impedir que se espalhe o vírus, deixando a nação toda em quarentena, somente abertos serviços essenciais e empresas que trabalhem para confecção de materiais de uso no combate ao popular chamado corona vírus como jalecos de TNT e máscaras.

Com as mudanças para atender tanto a saúde de pessoas infectadas e não infectadas na cidade de Ampère, separou-se o atendimento em dois locais distintos da cidade. Sendo que os horários de atendimento também foram estendidos.

Em busca de uma nova receita de medicamento contínuo, obtive uma surpresa ao chegar na porta do posto de saúde, alguns profissionais já estavam para atender, antes mesmo de entrar no estabelecimento, evitando se estivesse infectado, transmitir aos demais. Deixavam entrar somente quem realmente necessitava de atendimento urgente e consultar com médico. Esta foi a conversa com uma enfermeira de plantão:

- Oi, gostaria de falar com a enfermeira responsável em atualizar as receitas de uso contínuo. Posso entrar?

- Pode me dar a receita aqui mesmo, que a entregarei, para evitar a entrada. Porém somente retiraria a receita no dia seguinte.

- Que horas posso passar buscar?

- A parti das 10h pode passar na recepção que estará com elas.

- Posso passar amanhã depois das 17h40min, quando saio do trabalho?

- Sim, estaremos aberto todos os dias até às 19h.

- Ok. Boa noite.

- Boa noite.

No dia seguinte, antes de chegar na recepção as enfermeiras na porta.

- Boa tarde, ontem deixei uma receita para pegar uma nova, vou até a recepção pegá-la. Posso?

- Aguarde aqui, que entro e pego para você, assim nos ajuda a evitar se houver contaminação.

- Sim, aguardo.

- Aqui está.

- A farmácia está atendendo até que horas? Com esses novos horários.

- Está aberta, quer pegá-los hoje?

- Sim, é possível? Então vou até lá para buscá-los.

- É sim, eu pego para você, me alcança sua identidade que já volto.

Ao alcançar a identidade ela entrou e sumiu para dentro do posto, aguardando cerca de cinco minutos, retornou com medicamento em mãos.

- Aqui está. Gostaria de mais alguma coisa?

- Na verdade sim. O ginecologista está atendendo? Como faço para falar com ele?

- Hum, o ginecologista não está atendendo aqui somente clínico geral, é algo específico? Somente com ele ou pode marcar uma consulta com o clínico geral?

- Na verdade, eu gostaria de conversar com ele a respeito do DIO.

- Sinto muito, mas neste momento somente clínico geral, gostaria marcar uma consulta ou aguardar mais uns dias, pra ver se volta a normalidade?

- Falar com o clínico geral sobre este assunto não vai mu-

dar muito, ele vai pedir para marcar com ginecologista. Então terei que esperar, de qualquer maneira, não tem pressa. Eu aguardo.

- Ok, também acho que deverá aguardar, e acredito que logo tudo voltará ao normal.

Era 17 de maio de 2020 nada mudou.

Andreia Sabrina Padilha Oliboni

De tirar o ar

Era mais um dia típico e a sociedade se preparava para seguir sua vida cotidiana, na mesma marcha, no mesmo ritmo de ações que se tornaram inconscientes e mecânicas de tão repetidas até que sem aviso algo surgiu, explodiu como uma bomba biológica e espalhou seus fragmentos a lentos passos pelo mundo todo, o mundo globalizado de repente se tornou atípico.

Meses depois do surto de covid-19 que tudo indica ter surgido em Wuhan na China, as pessoas do Brasil parecem não ter ainda noção da proporção da situação e mesmo que a vida não seja mais como antes a jovem Claire prossegue com seu trabalho. Ela trabalha em um pequeno jornal em um município de São Paulo, onde tem um dos maiores índices registrados da pandemia no Brasil, a jovem tem uma grande sede por matérias e tentará documentar o máximo possível sobre este novo vírus.

O tempo passa e o novo modo de vida aos poucos retorna ao padrão pelo descuido do povo, Claire em uma de suas reportagens vai até o município vizinho, e o que vê é um cenário aterrador digno de filmes de epidemia, corpos e mais corpos ensacados em plástico e amarrados, que após retirados de caminhões frigoríficos são enterrados em valas comunitárias como indigentes, números, apenas números para um governo regente que parece pouco se importar com a situação, Claire se aproxima para fotografar, ela precisa alertar tantos quantos forem possível, é então que sua máscara se desajusta um pouco e quando ela a tira para arrumar, um dos coveiros que tomava café e por isso está sem máscara tosse, bem ao lado

dela, um pouco preocupada mas anestesiada pelo momento e pelo cenário desolador ela arruma a máscara depressa e não liga muito para o ocorrido.

Uma semana passa, Claire acorda um tanto indisposta, mas segue para a próxima reportagem, recebe mensagens de seu amigo e colega de jornal, Lion ou apelidado carinhosamente de Bah, por ser do Sul, dizia para ela seguir urgente para Ribeirão Preto reportar um homem em um shopping que diz estar infectado com o novo corona vírus e quer transmitir às pessoas. Ao chegar no local, o homem está sendo contido por seguranças, completamente insano, ri e faz piadas com a situação balbuciando coisas sobre o fim do mundo.

Claire tenta entrevistá-lo e em uma falha milimétrica dos seguranças ele escapa e corre, todos correm atrás dele, mas Claire pára após a arrancada arfando e suando frio, ela se apoia na coluna do shopping e fecha os olhos, ouve com eco ao longe o homem sendo detido e dominado poucos metros à frente, ela põe as mãos no joelho e depois se abraça a sua jaqueta vermelha marcante, lembra das crises de asma que tinha quando pequena e de como aquela situação na qual se encontrava parecia tão ruim.

Ela consegue se recompor um pouco, mas a falta de ar ainda a acompanha. Já fazia algum tempo que foi desmistificando o fato de “só os idosos são grupo de letalidade”, grupo de risco sim, mas não os únicos suscetíveis de morte pelo vírus, qualquer um, qualquer lugar, qualquer pessoa pode morrer, ninguém está salvo, essas e outras infinitas coisas passavam pela cabeça da jovem, enquanto se dirigia ao posto de saúde em meio às vielas desertas de alguns raros casos dos que respeitavam o isolamento social.

Ela adentra o posto de saúde lotado, em um crítico estado de calamidade, o que ela podia fazer era esperar, com sua máscara e seus pensamentos. Finalmente ela consegue ser atendida, entra em uma porta onde se escreve o sobrenome Jones. Se depara com um homem de olhar completamente sereno e focado, ele a pede que entre, Claire então toma assento na cadeira e os dois começam a conversar, ele prossegue a consulta como de praxe, é aí que uma simples consulta se tor-

na uma verdadeira entrevista, Claire perde o foco de sua própria condição e começa a buscar mais informações nas entrelinhas visando separar mito de fato, dentre tantas notícias falsas que se espalham por aí.

O doutor Alvir Jones, coloca em simples palavras:

- É uma guerra mundial contra um inimigo invisível, o qual não temos como prever os movimentos, a solução é enfrentar esse mutante na linha de frente e esperar da população o mínimo de bom senso e que vejam essa pandemia com a seriedade que ela merece.

Ela faz o teste, e após longos 10 minutos o resultado sai, então o choque, Claire testou positivo para o Corona vírus. O doutor Alvir, repassa todos os devidos cuidados e recomenda retorno em caso de agravamento do caso. Cabisbaixa, Claire deixa as dependências do posto de saúde, quando chega Lion, o “Bah”, que vendo o semblante da colega começa a questioná-la, ela abre o jogo para o amigo, que de imediato demonstra muita preocupação com ela, e promete dar prosseguimento em todas as matérias enquanto ela se recupera, ela se recusa a parar, mas com muito custo ele consegue convencê-la.

Passam dias, e Claire acorda se sentindo muito mal, ela se olha no espelho e está visivelmente debilitada, procura ajuda, ela novamente se dirige ao posto de saúde e é informada pelas enfermeiras, sobre a lastimável situação em que a cidade se encontrava, os hospitais para o tratamento estavam lotados, e não há mais vagas para respiradores mecânicos, em um misto de desespero e uma crise de pânico, ela lembra novamente das crises de asma que a acometeram quando menina, e quando se dá conta está do lado de fora do posto em um canto com a máscara arrancada puxando o ar desesperadamente.

Tentando contato com o doutor Jones ela descobre que ele foi transferido para ajudar na possível vacina e está em outro estado.

Voltou para casa, fez os procedimentos, mas claramente seu caso é sério. Por volta das 21 horas, Lion se preparava para encerrar as atividades do jornal, quando vê em seu celular uma mensagem de Claire:

- Bah, venha aqui agora, por favor.

Mais que de pressa, Lion veste seu casaco e parte em sua moto para a casa da jovem. Ao chegar, ela está tendo uma crise respiratória, ele não sabe o que fazer e dá um jeito de levá-la ao hospital, para piorar caía chuva torrencial, finalmente chegam. Claire desmaia, Lion com a amiga nos braços explora desesperadamente para que alguém ajude, recebe apoio e conforto, pois realmente não há mais nada o que fazer, ele é tomado por memórias de sua amiga, a qual sempre admirou e nutria uma paixão secreta, Lion viu sua amada morrer bem em seus braços, vítima do despreparo da infra-estrutura hospitalar brasileira e do descuido do povo.

Arrasado Lion escreve uma matéria sobre uma heroína desconhecida cuja vida foi levada somente por tentar descobrir e ajudar as outras pessoas. No velório deserto, o jovem de franja e máscara apenas deixa uma rosa, flor preferida daquela pela qual nunca pode declarar -se.

Karla Lyandra Biazus

A despedida

Era uma vez uma família de cinco pessoas, o pai seu José a Mãe Dona Maria e mais três filhos.

Essa família precisava trabalhar muito para se alimentar, as crianças estudavam muito longe de casa, era distante até chegar à escola.

Sem acesso à internet, TV e nenhum meio de comunicação, não sabiam dos acontecimentos que ocorriam no mundo.

Seu José era catador de papel para reciclagem e não entendia porque as pessoas estavam usando máscaras. No mesmo dia uma estudante de medicina entregou para seu José o referido objeto, a (máscara), o homem sem entender perguntou para a moça:

__ Por que está me entregando esta máscara moça? Ela respondeu:

__ Senhor, tem um vírus mundial que está matando muitas pessoas pelo mundo, o nome dele é COVID 19, mais conhecido como Coronavírus, o senhor precisa ficar em casa e proteger sua família, amanhã o comércio, as escolas e todos os estabelecimentos vão fechar e ninguém mais pode ficar na rua.

Desesperado Seu José correu para a escola de seus filhos para saber como eles iriam estudar sem ir para a escola.

Chegou no estabelecimento, recebido pela diretora, que disse a ele, para dar um jeito de comprar um computador ou celular para os filhos fazer as aulas on-line.

Naquele momento seu mundo desmoronou, pois o medo consumiu seu coração. Sem dinheiro para a alimentação, não

poder sair de casa para ganhar dinheiro, Seu José não sabia o que fazer.

No dia seguinte, o comércio estava fechado, ruas vazias e todos em suas casas.

Os dias foram passando, a comida e os produtos de higiene terminando na casa da família. Seu José e Dona Maria oravam todas as noites para que tudo isso acabasse e logo ele pudesse voltar às ruas.

Seus filhos sem estudo e sem oportunidade de ter alguém para acompanhar, Dona Maria fazia de tudo para acompanhar as tarefas dos filhos, ela lia os livros com eles, fazia a lição sem o auxílio de nenhum professor, mas não dava conta, pois achava muito difícil os conteúdos.

Um certo dia, Seu José saiu na rua para catar sucatas, ao chegar em uma casa, pegou o lixo que estava do lado de fora, e assim seguiu de casa em casa realizava sua coleta para vender e sobreviver.

O que Seu José não sabia era que aquele lixo estava contaminado pelo vírus.

Alguns dias se passaram e sua família passava fome, as crianças desnutridas, Dona Maria ficou resfriada, a cada dia ficava mais doente, sem entender o porquê que sua esposa estava mal. Levou-a ao posto de saúde da cidade, onde foi diagnosticada com COVID 19, a família inteira estava com o vírus, mas somente Dona Maria havia os sintomas, e o pior, já tinha problemas cardíacos.

A família ficou isolada, Seu José não podia sair de casa nem para juntar sucatas, se ele saísse de casa seria preso.

Dona Maria adoeceu, cada dia ficava pior, sem comida, em casa, a saúde dela debilitada.

Três semanas após seu diagnóstico Dona Maria faleceu nos braços do marido.

Não havendo funeral, a família nada pode fazer, nem a despedida, foi muito triste e doloroso.

Seu José não sabia o que fazer, sem trabalhar, precisava alimentar seus filhos. Com a perda da mãe as crianças esta-

vam sofrendo, ele precisava alguém o ajudasse. Até que certo dia procurou a estudante de medicina que deu a máscara para ele.

Ele se protegeu com máscara, sacolas plásticas pelo corpo para não contaminar a moça, ao falar com ela sobre suas dificuldades ficou a dois metros de distância.

A estudante ajudou a família, com comida, produtos de higiene e suprimentos médicos. A colaboração seguiu por semanas.

Depois de meses a pandemia passou, as coisas voltaram ao normal, a estudante ofereceu um emprego para seu José na casa dos pais dela. Fazia os serviços externos da casa.

A família sente pela perda de Dona Maria, mas fica feliz pela mudança de vida. Seu José analisou, percebeu que desobedeceu as ordens do isolamento social. Se tivesse seguido com atenção as normativas, nada disso teria acontecido.

Fabiana Walter

Pandemia e as viagens

Era ano de 2020, tarde de quarta-feira, o tempo estava chuvoso quando uma garotinha sentada em um sofá na sua sala de estar escutou pela primeira vez uma notícia nunca falada antes.

O jornalista relatou uma nova doença, o homem expôs que estava se espalhando rapidamente por todo o mundo e levando a morte de milhares de pessoas, a tal de Covid-19 lhe assustou rapidamente e não demorou muito para que a vida de sua família fosse modificada.

A pequenina não saberá o quão grave era a situação até que ouviu:

- Como vamos nos manter vivo? Diz o pai da pequena menina.

A mãe logo responde: - Iremos buscar uma solução! Trabalhamos com vendas precisamos sair da cidade, nosso sustento depende disso.

- Mas se sairmos da nossa casa podemos morrer. Sem dinheiro sem comida!

Ao escutar isso a menina correu para de baixo da cama e começou a refletir sobre a pandemia, se perguntou por diversas vezes como seus pais iam trabalhar, pois iam de casa em casa por todos os bairros, ruas e cidades, para vender e conseguir o sustento da família.

Sabendo que seus pais precisavam de ajuda indagou então soluções para ajudar seus pais, pensou em vender suas bonecas ou quebrar seu cofrinho, foi difícil a pequena controlar o choro e foi então que seus pais perceberam a preocupação da criança.

Em questão de segundos uma ideia veio à mente de sua mãe. - Minha menina não se preocupe, papai vai dar um jeito.

O homem então construiu uma barraca para vender sua mercadoria, mas a maneira de atendimento seria inovadora. Pediu para a menina escrever o porquê do estabelecimento proceder o novo jeito de comercializar. A menina com sua letrinha assim fez o aviso. O pai então colocou uma caixinha com notas de troco e algumas moedas, como não teria atendimento a clientela faria sua compra e efetuaria o pagamento no caixa. Ele confiava na honestidade e queria passar este ensinamento para a pequena garotinha.

Logo a quitanda passou a ser o assunto da cidadezinha e se fez lucrativa pelos dias que se passaram até o fim da pandemia.

Isabela Miola

A proliferação do vírus

O ano era dois mil e vinte, um novo cenário vem a tona, um novo mundo deve se reinventar, algo que não se pode mais lidar, e nem deixar de lado fingindo que não afeta, uma pandemia global, que abalaria o mundo todo, inúmeras mortes causadas por sua bactéria, o COVID-19, abalava o cenário econômico, e mostrava quais as reais necessidades de um país, a saúde.

A crescente proliferação do novo Coronavírus transformou-se em um dos maiores desafios da humanidade. Lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais e mundiais não é algo tão recente na história, surtos de doenças repetem-se por séculos e séculos, na forma de propagação e na cura.

Em uma cidade no norte do Paraná, nomeada como Pingaiaba, cidade pequena que, no entanto havia inúmeros habitantes desrespeitosos que não cumpriam as normas especificadas pelo governos, tais como: uso contínuo da máscara, a lavagem das mãos quando possível, o uso de álcool em gel, sem aglomerações e ficar em casa.

Logo de início, não foi dada muita atenção para o COVID-19, todos achavam uma bobeira, doença inventada pelo governo para diminuir a população, e o tal, não dava tanta moral para ela. Ao passar meses em quarentena, esses sujeitos que não a respeitavam passaram a se reunir de forma clandestina pelos interiores da cidade, após dias de encontros as escondidas, começaram a vir a tona inúmeros casos da doença, mas não se sabia como se alastrava, todos ainda falavam que era apenas uma gripezinha, nada de mais, e assim prosseguiram.

Trabalhos que eram muito desvalorizados, como entregadores, catadores de lixo, motoristas de uber, serviços vistos com desprezo se mostraram muito necessários, pelas pessoas não poderem sair de casa, nem mais conviver em sociedade, exceto aqueles que não respeitavam a quarentena.

As autoridades municipais passaram a investigar sobre o alastramento da doença, assim descobriram grupos, como eram estritamente proibidas aglomerações, todos foram rigidamente multados. Com as passagens da cidade aberta, com muitas pessoas de diversos lugares que entravam e saíam, a doença se alastrou, então o acesso tornou-se restrito à cidade. Com leis e restrições.

Jane Spech Seres de luz, e uma missão no planeta terra!

Conta-se a história que em um planeta chamado Terra. Os seres que ali habitavam, chamados de seres humanos, reclamavam diariamente de ir para a escola, faculdade e trabalho. Reclamavam dos filhos, dos cônjuges, do pai e da mãe. E até mesmo em um determinado país, nomeado Brasil, pediram inúmeras vezes para emendar a festa festiva de carnaval do calendário deles, até o natal.

Diziam que os seres reclamavam do ano 2019, aonde ocorreram catástrofes, mortes, foi o ano da separação dos casais! Mal imaginavam os pobres coitados, de que o ano seguinte seria ainda mais desafiador.

Era final do ano 2019, em algumas partes da Terra havia sinais de um vírus, chamado COVID 19, ou popularmente chamado de Coronavírus.

Segundo alguns historiadores e espíritas, contam que essa época foi na verdade para alertar e ajudar os seres humanos, como viviam e cuidavam do seu habitat.

O momento de regeneração do planeta, pois os seres humanos emitiam muitas vibrações negativas para a Terra, pode-se observar pelos dizeres do primeiro parágrafo desse conto.

O ano 2019 foi marcante por inúmeros suicídios. E para que toda essa energia ruim revigorasse, fosse transformada em boas energias, a opção menos dolorosa seria a vinda de

um vírus para ensinar aos seres humanos a focar naquilo que realmente os importava, que era uns aos outros da mesma espécie e das demais, que eram os outros animais e os vegetais.

Não esquecer de olhar para a fome e o frio dos mais necessitados, lembrar que era preciso urgente que poupassem e doassem, ou seja, deveria haver mais união e gratidão. Nesse sentido, a economia de todo o planeta passou por uma recessão, a quebra geral que forçou os seres humanos a trabalhar em grupo e comunidade.

Além disso, conta-se que países como Itália e Espanha, foram as que mais sofreram, pois no contexto histórico, foram países que fizeram muito mal uns aos outros e ao planeta no geral.

Surgiram nessa época seres de luz, divididos em categorias, eram eles: A categoria dos profissionais da educação, da saúde, os motoristas e os cientistas. Desceram junto aos seres humanos na Terra, para lhes dizer que eles tinham que ser fortes, e evoluir.

Os seres de luz da saúde alertavam ainda que o vírus só iria atingir as pessoas com vibrações baixas, e que por isso deveríamos ter pensamentos positivos e de segurança. E que era na coletividade que um ajudaria o outro a reconhecer seus erros, e que tudo ficaria bem logo.

Nessa época também, os seres de luz do setor da educação, pediam para que as pessoas não ficassem vendo dispositivos eletrônicos, uma vez que estes traziam vibrações de medo e de pânico, baixando a energia das pessoas, e consequentemente a imunidade. Estes mesmos seres, desse setor, vestiram capas com proteção, se encheram de sabedoria, e se propuseram a ensinar todas as crianças, adolescentes e jovens através dos seus super equipamentos tecnológicos e apostilas mágicas, as quais continham informações valiosas, ensinamentos para a vida, para que ninguém ficasse sem conhecimento!

Outros lembretes dos profissionais da saúde sugeriam, como por exemplo, que mulheres grávidas não passariam o vírus a seus filhos, e que era preciso cuidados redobrados,

como ficar em casa, passar álcool em gel nas mãos e usar máscaras.

O povo obrigou-se a ficar de quarentena, e nesse período, foi lhes ensinado pelos seres de luz da categoria dos profissionais da educação, que era preciso dançar e cantar para aumentar as vibrações da terra, sobretudo, era preciso que eles reaprendessem a conviver com suas famílias, que compreendessem o sentido do amor, entender e ouvir o outro.

No momento inesperado, os seres humanos aprenderam a valorizar o abraço, os amigos, pois já não podiam mais abraçá-los e nem vê-los.

Foram tempos de aprendizado, desde se alimentar corretamente com vitaminas C, D, grãos e própolis, até mesmo a consumir tudo de maneira consciente e sem exageros.

Os seres humanos passaram a fazer mais orações, aprenderam a ser empáticos e preocupados com o todo. O confinamento despoluiu a Terra, e como uma mágica, os rios ficaram limpos, as matas cresciam, o ar ficou incolor novamente, as chuvas já não eram mais ácidas, os pássaros cantavam mais animados. Animais que estavam em extinção ressurgiram, tudo que era cinza passou a ser luz.

Era necessário ter esperança!

A categoria dos seres de luz, os cientistas, iniciaram a trabalhar dia e noite a procura de respostas, de vacinas, de curas. E assim, todos passaram a valorizar os conhecimentos científicos, a perceber a importância de investir em educação, ciência e saúde.

O tempo passou e a Terra era o planeta mais iluminado e lindo da galáxia, os seres de luz voltaram aos céus contentes e gratos pela missão cumprida!

Os seres humanos ao abrirem as portas de suas casas ao amanhecer, conseguiam ver o sol radiante, era sinal de que agora eles podiam ver aqueles que mais amavam, e assim o fizeram, saíram correndo abraçar os entes queridos, os amigos distantes. Eram abraços apertados, verdadeiros, cheios de significados.

Nunca mais se viu seres humanos com celulares nas mãos enquanto conversavam com seus amigos ou familiares, pois eles viviam aquele momento e aproveitavam ao máximo as pessoas que ali estavam.

Os bailes, festas e baladas, tinham um novo sabor, eram locais de harmonia, sem invejas, sem maldades, apenas no intuito de se alegrarem.

Os profissionais da educação passaram a ser valorizados, pois todas as famílias perceberam o quão difícil era ensinar em casa, o quão árduo e belíssima era a arte de transmitir, de ter didática. E que somente os profissionais da área sabiam dominar.

Os almoços de domingos com os avós ganharam pratos especiais, orações de agradecimento pela vida e por tudo que eles tinham.

Enfim, tudo teve um novo significado, o amor e a gratidão sempre vencem!

O vírus?! Bom esse de vez em quando aparece, só pra lembrar e dar um susto aos espertinhos a voltarem a repensar em suas vidas e ações.

Joana Sponchiato

2020 – O ano em que o mundo parou

As expectativas para o novo ano que começou eram as melhores, todas as pessoas que encontrávamos em nosso caminho estavam cheias de sonhos, metas, objetivos a serem realizados no ano que tinha tudo para ser o melhor. Havíamos passado por muitas turbulências no ano anterior, notícias e acontecimentos que deixaram famílias desoladas e acreditavam ser apenas uma fase, e que começava um ano novo, as coisas ruins ficariam para trás e aconteceria tudo melhor e diferente.

O ano de 2020 chegou e junto com ele vieram muitas promessas, algumas delas até clichês como, por exemplo: “este ano eu quero ser uma pessoa melhor; prometo me dedicar mais nos meus estudos”. Muitos também eram os planos de casar, casamentos esses que até marcados estavam, já outras pessoas tinham como objetivo engravidar e formar uma família ou até mesmo fazer aquela viagem dos sonhos. Percebe-se assim, que muitos eram os planos, mas que infelizmente não puderem ser realizados, alguns foram apenas adiados, enquanto outros nunca mais poderão ser concretizados. Vidas se foram e com elas, seus sonhos também.

Corona Vírus, ou, Covid-19 é o principal responsável pelas milhares de vidas ceifadas pelo mundo todo. É uma doença que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a maioria dos pacientes (cerca de 80%) pode ser assintomática, ou seja, não

apresentar sintoma nenhum, pode ter a doença e não saber, e cerca de 20% dos casos podem necessitar de atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória. Desse casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório ou mais popularmente conhecido como “ventilador”).

Os sintomas de Covid-19 podem variar de um simples resfriado até uma pneumonia severa e às vezes irreversível. Sendo os sintomas mais comuns: Tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade para respirar. A transmissão acontece de uma pessoa doente para outra através de contato próximo por meio de: toque do aperto de mão, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, objetos ou qualquer tipo de superfície contaminada.

No momento em que foi noticiada a existência desse vírus na China, posso dizer como cidadã, eu nunca imaginei que chegaria ao Brasil e que fosse tão cruel assim. No dia em que foi confirmado o primeiro caso no Brasil eu nunca imaginei que chegaria ao meu estado e muito menos no município da minha residência. Enquanto faço essa narrativa há confirmação de cinco casos e dentre esses um óbito, torcendo e rezando com todas as forças para que não se confirme mais nenhum.

Logo na primeira confirmação o desespero tomou conta, as noites pareciam não ter fim, o medo tomou o lugar da felicidade e cada dia vivido tem sido uma vitória. Não sabíamos onde o vírus se encontrava, se ele estava nas prateleiras de supermercado, na maçaneta do carro, nos remédios adquiridos na farmácia ou até mesmo dentro de nossa casa. Por isso o uso do álcool gel 70 era contínuo e cada objeto vindo de fora era esterilizado e havia quem dizia que esterilizar os produtos era a pior tarefa doméstica, ganhava até mesmo da tarefa de lavar louças.

Havia quem não levava a sério, e havia aqueles que levavam tão a sério que qualquer notícia já começava ter os sintomas psicologicamente, então o melhor a fazer era desligar a televisão, desconectar-se da internet, ler um livro, assistir a um filme que gostava e viver. Sim, viver aquele momento, amar a vida

e valorizar a família, não sabíamos se estaríamos aqui ou até quando. Não sabíamos se éramos estatísticas para o governo futuramente ou se estaríamos aqui para contar nossa história de superação aos futuros netos.

Em virtude do cenário, era possível constatar que o único remédio para que essa doença não se alastrasse em nossos municípios era o isolamento, levado na brincadeira por grande parte da população, pois acreditavam que o vírus não era tão letal como jornais noticiavam e que isso era apenas uma jogada política para “queimar” a imagem do presidente o mesmo presidente que até participava de manifestações contra o isolamento enquanto seu país atingia a estatística de mais de 20 mil mortes.

Presidente este, que em meio a Pandemia demite o Ministro da Saúde da época que por sinal estava fazendo um excelente trabalho, contrata um sucessor para assumir o cargo, o qual não achando corretas as decisões do presidente, solicitou sua demissão. Enquanto o caos no Brasil se alastrava cada vez mais, e sem Ministro da Saúde para cuidar da população, o caro Presidente decide tirar um dia de folga para curtir sua família.

É preciso entender que o Covid-19 nunca será extinto, assim como a Gripe H1N1, a Dengue, o Zika vírus e tantas outras doenças que matam, mas que o isolamento faz necessário enquanto a cura ou tratamento não seja descoberto.

Em meio aquele turbilhão, questionei: Quanto vale a minha vida para vocês? Se eu morrer meu patrão coloca outro no lugar, mas a minha família, meus pais, o governo dará outra filha para eles? Acredito que muitas serão as transformações e aprendizados, nossa vida vai voltar a ser melhor que antes, mas enquanto a cura não chega, isole-se.

Juliana de Lima

Pandemia mundial - covid-19

Momento histórico em nossas vidas, enfrentar uma pandemia mundial, um vírus desconhecido tomou conta de nossas realidades obrigando-nos a tomar cuidados inimagináveis. O isolamento social, uso de máscaras, lavar as mãos por 20 segundos ou mais com sabão, álcool em gel, são só alguns dos comportamentos que mudaram nosso cotidiano.

Passou de dois meses o isolamento social, saíamos só quando necessário, os cuidados redobrados com as pessoas dos grupos de risco como: idosos, crianças, pessoas com problemas respiratórios, asma, rinite alérgica entre outros.

O desconhecido amedronta, mas nos negamos a aceitar, em tempos como esses quem podia ficar em casa era privilegiado, pois inúmeras pessoas precisavam sair de delas todos os dias para colocar comida na mesa, colocavam todos aqueles que amavam em risco.

Infelizmente muitas pessoas não entendiam a gravidade do que estava acontecendo no mundo, encaravam como uma colônia de férias, festas em casa, passeios em parques, acreditavam que a pandemia era só uma estratégia chinesa com intuito de derrubar governos, mas acreditava-se também que a pandemia veio para unir famílias e para dar um respiro à natureza tão devastada pelo ser humano.

Mas a realidade da maioria das pessoas não era tão doce assim, inclusive a de mulheres, pois a violência doméstica nesse tempo aumentou em 50% e os casos cresciam de modo descontrolado.

A saúde mental de jovens e adultos se degradou com o passar dos dias, e pesquisas apontavam que a “pós pandemia” traria grandes consequências, muitas irreparáveis, pessoas saíram deste cenário com depressão, obesidade, ansiedade e transtornos de pânico.

Viveu-se um estado político caótico, nosso presidente encontrava-se totalmente irresponsável e fora de si, colocava medo nas pessoas ao invés de tranquilizá-las, desrespeitava o isolamento social, fazia falas de puro descaso com o povo brasileiro como: “E daí?” “é só uma gripezinha” “a economia não pode parar” “Eu não sou coveiro, tá certo?”

O Presidente Jair Bolsonaro liberou equivalente 600 (seiscentos) reais de auxílio emergencial para famílias necessitadas durante 03 meses, mas contradizia-se em suas falas diariamente, duvidava da existência do vírus e fazia reuniões e aglomerações de pessoas em diferentes espaços, tirava a autoridade de Prefeitos e Governadores de todo país, enquanto eles diziam “fechem os comércios, não saiam de suas casas se não for de extrema importância” O Presidente dizia “Saíam, trabalhem, pois a economia não pode parar”.

Em 23/05/2020 o número de mortos no Brasil chegou a 21.116, números preocupantes, pois aumentavam a cada dia. O vírus COVID 19 popularmente conhecido como Corona Vírus era transmitido pelo ar, contato pessoal, por secreções contaminadas, saliva e catarro, por exemplo.

Acreditou-se ou não, em meio à pandemia a ganância ainda falava mais alto, pois álcool em gel, máscaras e luvas descartáveis chegaram a preços absurdos. Diariamente se fala de higiene nas diferentes emissoras, mas se esquece daqueles que nem água para tomar tem.

As aulas presenciais em muitas escolas e universidades, passaram a ser à distância por computadores, tablets e celulares, mas vale lembrar que só continuariam os estudos aqueles que tinham acesso à internet e aparelhos eletrônicos, mais uma vez deixava os menos favorecidos de lado.

Os pais encontravam grandes dificuldades para educar seus filhos em casa, com a super lotação de atividades, as

quais eram passadas todos os dias através de vídeos chamadas. E notava-se que o papel do educador é fundamental e de extrema importância.

O ENEM (exame nacional do ensino médio) aconteceria em meio ao caos. Quem liga se o pobre quer entrar na universidade? Momento difícil, deixava mais claro que meritocracia não existe, acreditava-se que só não se conquista algo porque não quer ou porque não mereceu, era desumano.

Claramente o país não tinha estruturas para lidar com algo tão sério assim, apesar da união de muitos brasileiros em uma luta significativa contra o COVID19, na qual cantores, jogadores, empresários, comerciantes e pessoas no geral se uniram na intenção de arrecadar a maior quantia em dinheiro, para compra de alimentos e ajuda na construção de hospitais de campanha para atender usuários do serviço público.

O Brasil ainda se encontrava em uma posição preocupante alcançando o segundo lugar no ranking de mortes por Corona Vírus, mas os esforços de médicos e enfermeiros, foi contínuo, sendo considerados os verdadeiros heróis, pois seu trabalho foi fundamental. Assim como de caminhoneiros, garis, policiais, bancários etc... Pois caso contrário as coisas certamente teriam sido mais alarmantes.

Esperávamos que voltaríamos a normalidade. Sair da pandemia, sendo pessoas melhores, pois nos mostrou diariamente, que saúde não se compra e nenhum dinheiro é tão valioso quanto estar vivos.

Marieli de Marins *Combate ao vírus*

Era uma vez um planeta muito lindo, maravilhoso chamado terra, onde as pessoas conviviam com as demais de maneira familiar, solidária e compreensivas. Até que! Em um certo dia de muita chuva e frio, surgiu um vírus em nosso planeta, conhecido como covid 19, ele era sujo e nojento, vivia se escondendo para infectar as pessoas, principalmente as mais velhas que era as favoritas dele.

O vírus era bem espertinho, pensava em dominar o mundo e reinar sobre as pessoas, o danadinho então começou a infectar pessoas de todas as idades, lançando seu veneno mor-

tal. Fazendo com que ficassem doentes e em muitas vezes mortos.

Num dia ensolarado ele pensou.

- Aqui eu já consegui meus aliados, devo ir a outras cidades.

Então ele pegou um ônibus e por onde ele passava, infectava todos com seu veneno mortal.

As pessoas começaram a adoecer sem poder visitar suas famílias, ficando isolados do mundo sem ver o brilho do sol e os cantos dos passarinhos.

Certo dia resolveram fechar as escolas, igrejas, lojas e até o mercado para vencer o vírus. De um planeta que era lindo e maravilhoso se transformou em uma guerra de sobrevivência, as pessoas começaram a ser menos unidas e não mais solidárias, vivendo em isolamento com medo.

Mas com a ajuda dos médicos descobriu-se uma maneira de evitar a contaminação, para não ser um aliado do vírus.

O segredo é lavar as mãos com água e sabão sempre, em seguida passar álcool em gel, evitar cumprimentar com as mãos e abraçar, se tossir cobrir a boca com o antebraço, usar máscara, assim vencer o vírus e ser feliz.

Marisane Gessi

Mudando a rotina

La bem, início do ano de 2020, até que o um surto de uma doença chamada de Covid-19, conhecida também por coronavírus, chega ao nosso país, pois com ela várias mudanças na vida de toda a população.

Com a chegada dessa pandemia na vida das pessoas, a rotina mudou, não podíamos sair de casa para trabalhar, fazer compras ou passear, somente era permitido a saída, para pessoas que tinham que trabalhar em serviços autorizados (essenciais) determinados pelos órgãos competentes e de acordo com os decretos do governo, tanto de âmbito Federal, Estadual ou Municipal.

Para deslocar-se de casa e ir para qualquer lugar que fossem, era obrigatório o uso de máscaras para se proteger e proteger os demais do contágio da doença, a transmissão dava-se através do espirro, tosse ou contato com algum objeto ou pessoa infectada, então por esse motivo foi determinado o distanciamento das pessoas umas das outras.

Com essa pandemia houve milhares de infectados, mortes e muitos curados também, que conseguiram se recuperar, doença essa que causava insuficiência respiratória, febre alta, dor na garganta, dentre outros sintomas que em algumas pessoas era mais forte e em alguns casos mais leve, quem já possuía uma doença crônica ou até mesmo com a saúde um pouco mais debilitada havia mais complicações, a recuperação era mais lenta, apesar de que qualquer pessoa poderia contrair a Covid-19.

Durante a pandemia escolas fecharam, empresas que eram consideradas não essenciais tiveram que fechar por um tem-

po para que não houvesse a propagação do vírus, causando assim mais transtornos para todos, foram necessárias adaptações nas escolas e empresas, onde se deu a obrigatoriedade do trabalho em home Office. Escolas e faculdades optaram por aulas online para que assim os estudantes não perdessem o ano letivo.

Com todas as medidas que foram adotadas algumas pessoas ficaram preocupadas que houvesse um desabastecimento nos mercados e passaram a fazer compras exageradas, sem necessidade, pois em nenhum momento teve a falta de produtos nos supermercados e farmácias, a todo momento as mercadorias eram repostas de acordo com a necessidade da população.

Essa pandemia veio para mostrar as pessoas que ninguém é melhor que ninguém, pois ela não escolhia quem iria ficar doente, não importava a classe social, raça ou cor, o que realmente importava era que as pessoas dessem mais valor e importância à vida, à família, pois durante todo o tempo em que todos foram obrigados a ficar em casa, foi necessário reaprender a viver em família, já que com a vida corrida do dia a dia tínhamos, não havia mais tempo para um diálogo, ou até mesmo para dar atenção aos filhos.

Todos esperavam que essa pandemia passasse, mas ela ficou por muito tempo, fez com que todos levassem a vida mais calma e tranquila, tornando o uso de máscaras ao saírem de casa um hábito, devido ser obrigatório e ser para a própria proteção do indivíduo.

As pessoas ficaram na esperança de que a pandemia terminasse logo, para que tudo pudesse voltar ao normal nas suas vidas, mas também a expectativa de amor e empatia ao próximo estivesse mais presente na vida, tornando assim uma sociedade melhor.

Rodicleia Disner Inhoatto

Em tempos de quarentena

GPS, uma jovem de 29 anos, natural de Gouvelândia-Goiás sendo transferida para missão em Santo Antônio do Sudoeste – Paraná, passou por momento de medo, de insegurança, angústia, logo no início de toda essa Pandemia, momento, este que estamos vivenciando.

Convid19, tudo muito novo, em uma tarde começou a sentir dores no corpo, tosses, e o medo foi tomando conta dela, mas pensou, será? Será o novo vírus? Não, deve ser uma alergia, deve ser uma gripe, não tenho todos os sintomas não estou com febre.

Na noite seguinte, noite escura, 39,5° febre, o medo de falar, de estar contagiada, de transmitir, enfim tudo tornou-se medo, tudo muito novo, sem saber o que fazer, o que falar. As suas lágrimas foram descendo sabendo que na cidade não tem respirador não tem recurso suficiente, toda sua família se encontra longe, foi um verdadeiro desastre, o que fazer diante dessa situação? O medo de ir ao hospital, de fazer o teste e dar positivo, estar contaminada ou ser contaminada por alguém do hospital, surgiu o pânico, mas era necessário saber o que eu tinha. Então fui ao hospital, chegando, o médico fez ausculta pulmonar e disse: é somente uma alergia. Pensei que tipo de alergia?

Eram muitas perguntas que vinham em sua mente e sem respostas, eram questionamentos que se fazia, o medo da morte, o que enfrentar diante dessa realidade, então o médico passou os antialérgicos, foi medicada entrou literalmente no isolamento em casa, somente no quarto por prevenção, com as outras pessoas que residem no ambiente. Falava con-

sigio mesma:-Se de fato eu estou com covid19, é melhor que fique somente comigo e não passe adiante, é melhor que outras pessoas não se contaminem, então decidi ficar no quarto, totalmente isolada, me fez pensar na vida, nas pessoas, refletir no cuidado com o outro sem fazer teste sem nada, eu tinha todos os sintomas da Covid19, do Corona vírus.

Tomou a medicação a febre acabou, a respiração melhorou, a tosse durou por mais uma semana, e a jovem permaneceu mais sete dias dentro de casa sem contato com ninguém de fora, até que se recuperou e não era positivo.

Estamos diante de uma crise que afeta diretamente a história contemporânea da humanidade. Está claro que está pandemia toca todo o globo, todos os países todas as pessoas, não distingue classe, etnias, religião, porém, ela acomete ou ela é sentida de maneira diferenciada, dependendo de onde você está, o afetar, o sentir.

Diante dessa realidade esse contexto da Pandemia, vem enfrentando toda a sociedade e nos levando a re-inventar, num contexto de pós pandemia, aprofundar e cultivar uma verdadeira espiritualidade de cuidado, rever nossa postura frente ao consumo e ao trato com o planeta, rever as escolhas frente as tecnologias crescer e aprofundar a nossa fé.

Em momentos tão incertos, a pandemia e com todo o isolamento social vem nos mostrar a felicidade que não está conectado a uma postura de consumo indisciplinado, e um grande desgaste dos recursos naturais. A natureza está se recriando, exige escolhas e opções que nos façam descer no mais profundo de nossa humanidade e exigindo de nós e mostrando a urgência de viver a partir do que é essencial.

Rose Fernandes Henrique

Uma loucura de amor que não espera a quarentena

Era uma vez um domingo à tarde, um dia de trabalho que tinha tudo para ser normal, como todas as tardes de trabalho com a minha equipe da barreira sanitária. (plantões em prol da saúde em tempo de pandemia).

Reclamando do sol, lá estávamos, parando carros, orientando pessoas, anotando visitantes e turistas, já era perto das quinze horas, o momento mais esperado da tarde, a parada do lanche. E lá vem a Raquel, desembarca do seu carro com uma bela torta de chocolate para nos contentar, e não vendo a hora de comer, nos dividimos em duas equipes, uma ficou trabalhando e a outra foi lancher.

Tomando água geladinha e pronta para degustar aquele doce, um susto!

Chega um homem todo machucado, com espinhos cravados por todo o corpo, com suas roupas rasgadas, muito cansado, ofegante, e na minha frente parou. E eu estagnada fiquei olhando aquele indivíduo que estava muito assustado.

Meus colegas apavorados se aproximaram e assim a colega Dione pergunta ao homem:

- Está tudo bem?

O indivíduo se agacha com suas mãos sobre o joelho e responde:

- Preciso salvar ela!! Não posso deixá-la.

Com muito espanto olhamos- nos sem reação, Raquel por sua vez questiona:

- Como assim moço? Quem? Onde ela está?

Ele sem muito fôlego apenas fala:

- Meu amor, caiu e está no beco.

Ao terminar sua frase saiu correndo como um louco pelos lotes vagos e sem pensar muito e desesperado, Raquel pega seu carro convida Dione e foram encontrar o homem.

A nossa equipe ficou, seguimos as orientações de Raquel e ligamos para a polícia:

- Alô, é da polícia?

- Sim, senhora o que precisa?

Assim contei toda a história para o profissional.

- Ele aparentava estar a efeito de alguma droga ou bebida alcoólica?

- Não sei senhor.

- Estamos a caminho.

E assim esquecemos até do nosso trabalho, angustiados, ligávamos para Raquel e nada.

Ufaaa chegou a Raquel e o Dione rindo pelo acontecido, sentamos para ouvir o que tinham a nos contar, assim Raquel narrou:

- A mulher caiu no rio!

- Como assim, Carla questionou?

O domingo estava um tédio para o casal, então resolveram comprar algumas bebidas, deixaram as crianças em casa e foram se aventurar no rio, iriam fazer loucuras de amor e depois comemorar, beber todas!!

Achava tudo engraçado perguntei-lhe:

- Por que ele veio aqui?

- Então, disse Raquel: ao invés de fazerem as loucuras primeiro, eles beberam e brigaram, e a mulher caiu dentro do rio! O esposo ficou muito assustado e tentou salvar a donzela, mas não conseguiu.

- Assim, completou Dione, ele veio desesperado. A mulher estava toda machucada na borda do rio, foi chamado o corpo

de bombeiros que a resgatou.

E assim foi a nossa tarde de domingo, diferente de sempre, de sustos, risos espontâneos da história de amor e loucura que merece cautela.

Tais Cristina de Campos Rupp

A vida é um sopro, cuide-a!

Era um lindo domingo de outono, o sol brilhava imensamente no céu. O clima próprio para sair, festejar, abraçar e celebrar a vida.

Tudo parecia tão perfeito, se não fosse essa grande Pandemia de Corona vírus que abalava o mundo.

A preocupação dos governantes era contaminação pelo vírus que assustava e deixava a população e profissionais de saúde em pânico, pois o vírus era avassalador e não encontravam nem uma forma de controlá-lo.

Não havia nenhuma medicação eficaz para o tratamento do Covid-19. Eram muitas pessoas morrendo diariamente em todos os lugares do planeta, inclusive no Brasil.

Segundo autoridades e infectologistas do mundo inteiro essa era uma doença que podia causar grande crise no sistema de Saúde e na economia mundial. Devido as medidas tomadas para controlar a contaminação em massa, ocorreu o fechamento de todas as atividades não essenciais e estabeleceu-se o isolamento social. Medidas essas que não foram bem sucedidas por parte de alguns setores da sociedade que viam comprometidas as suas rendas. Grupo esse da elite da sociedade que pressionava as autoridades governamentais para acabar com o isolamento.

O Brasil neste período, além da Pandemia ainda passava por um período de crise política, o presidente da nação se posicionava contrário as medidas de proteção e estimulava aglomerações de pessoas em protesto a favor de fechar o STF e Congresso Nacional. Enquanto contradições aconteciam o povo a favor do governo não acatava as medidas de proteção e

zombaram dizendo que se tratava de uma gripezinha, muitos estados brasileiros sofriam com a crise da saúde, eram muitos doentes morrendo por falta de atendimento médico, faltava tudo, inclusive equipamentos com respiradores para salvar as pessoas que morriam asfixiadas, os médicos tendo que escolher quem teria chance de continuar a viver.

Os meios de comunicação tentavam alertar a todos sobre o perigo deste vírus, que se apresentava com sintomas diferentes conforme o indivíduo infectado. Quem conseguiu acatar com rigor o isolamento, se mantinham mais seguros e colaboravam para manter os leitos de hospitais de forma satisfatória para atender seus pacientes.

Acreditávamos que tudo passaria e num domingo como aquele de outono podíamos sair de nossas casas, dançar, abraçar e valorizar a vida que passa tão rápido, como uma brisa de vento.

Myllena Melp

E agora, mayla?

Em uma cidade chamada Wuhan, que fica na China, mora Mayla e sua família, eles são brasileiros e foram para a China há alguns anos. O pai de Mayla trabalha em uma empresa de pasta dental e a sua mãe em um restaurante. Há alguns dias, na escola de Mayla os professores começaram a falar sobre tal vírus que perambulava pela cidade.

O referido vírus era transmissível e as pessoas pegavam com o contato físico, ou seja, o pai e a mãe de Mayla teriam que parar de trabalhar e ela não poderia mais ir à escola, já que ambos tinham contatos com outras pessoas.

Ele foi denominado de corona vírus e para os mais íntimos covid-19 (porque foi “descoberto” em dezembro de 2019). Mas Mayla estava confusa, tudo aconteceu rápido, ela via pessoas assustadas, seus pais estocavam comida em casa e então ela disse:

- Que história é essa de estocar comida? A gente precisa mesmo disso? Afinal, alguém nessa casa pode me explicar o que é esse tal corona vírus?

Seus pais ficaram abismados com a indignação da menina, foi então, que seu pai resolveu explicar.

- Minha filha, esse vírus, já ficou conhecido por todo o mundo na década de 60 e agora, ele veio com toda a força. Ele é um bichinho, bem pequeno, que não permite que a gente tenha contato com ninguém, a não ser os familiares que moram com a gente, ou seja, nós três que vivemos na mesma casa.

Mas a menina ainda não estava satisfeita com a resposta do pai, ela tinha um turbilhão de perguntas na cabecinha e enquanto a mãe guardava as compras, ela foi lá e perguntou:

- O mãe, eu to perdidinha com todo esse vuco-vuco de corona vírus, to curiosa pra saber se esse tal, esta só aqui em Wuhan ou se está lá no Brasil, na casa da vovó.

A mãe de Mayla como conversava e ouvia as falas de pessoas importantes que chegavam ao restaurante, sentou então para conversar com a filha:

- Minha filha, esse vírus, como seu pai já falou, já esteve ao nosso meio, mas agora, ele veio muito mais contagioso, a gente não pode ver, mas os sintomas são terríveis, e é por isso que todo mundo está assustado. No restaurante, a mamãe ouviu que ele é derivado dos frutos do mar e de alguns outros animais, como o morcego. Você percebe que há uma grande diferença da alimentação daqui da china do que lá no Brasil né?

Mayla então começou a entender toda essa história e continuou atenta ao que a mãe explicava:

- Os sintomas são bem fortes, as pessoas tem muita dificuldade na respiração, e a maioria delas confunde com a pneumonia, porque também são derivados de problemas respiratórios, outros sintomas são febre, coriza, dor de garganta e tosse. Está entendendo filha?

- Estou mãe, mas porque na escola eles só explicaram que por alguns dias a gente ficaria em casa por causa de um vírus que estava pela cidade?

- Então filha, o que nós sabemos é muito pouco sobre isso, as informações para todos ainda são novas. O que se pode fazer, é nos cuidar o máximo, vamos evitar sair de casa e é por isso que fomos ao mercado e compramos as comidas.

Mayla então, compreendeu a situação e ao longo dos dias, ficou antenada nos jornais e noticiários. Foi então que ocorreu a primeira morte no dia 11 de janeiro de 2020. A menina já tinha noção de que o vírus estava atacando forte nas pessoas idosas, as que tinham problemas respiratórios e ficou preocupada com sua avó e seus primos, que moravam no Brasil.

Nos noticiários, os pais de Mayla viram que ainda não havia afetado a parte Sul do Brasil que é onde se localiza a cidade dos parentes que a garota se referia. Inteiraram-na de que a situação estava muito crítica e que o novo vírus tinha atingi-

do quase 10 mil pessoas em 23 países distribuídos por quatro continentes.

Também informaram a menina, que a Itália havia sido o país atingido, e que os números de mortes eram incontáveis. Foi, que ao ligar a televisão certo dia, Mayla viu que o novo Covid-19 chegou ao Brasil e que estava por toda a parte. A menina surtou, dizendo que agora estava mais preocupada que nunca, que sua avó era idosa e não iria respeitar a quarentena.

Sua mãe teve uma ótima ideia, fizeram uma chamada de vídeo com a avó e os primos para explicar o que era quarentena e que ao contrário do que todos achavam, não eram 40 dias e sim 14. Mas que não somente teriam que ficar 14 dias em casa, e sim explicariam a importância desses primeiros dias.

O pai de Mayla deixou tudo pronto e por conta do fuso horário, ficaram acordados até mais tarde. Na conversa com a avó, Mayla resolveu pregar uma peça dizendo assim:

- Vovó, eu fiquei sabendo que os policiais vão ficar rondando as ruas e avenidas aí na cidade e que se eles encontrarem algum senhor na rua vão pedir os documentos e cortar a aposentadoria, então a senhora precisa ficar em casa. Cada vez que precisar de alguma coisa, solicitar pra quem é mais novo, eles farão para a senhora, combinado?

A avó da menina ficou assustada com a notícia e disse que não sairia mais nem na calçada, e que avisaria no grupo do whatsapp todas as vizinhas que os policiais cortariam a aposentadoria.

Terminando a conversa, seus pais riram da história que a menina havia contado a avó e a agradeceram por ser tão compreensiva.

Passaram os dias, eles continuaram firmes acompanhando aos telejornais e claro, as informações da OMS (Organização Mundial da Saúde). Viram que a situação já não estava tão agravante na Itália, mas que no Brasil se agravava.

Mantinham contato frequente com os familiares do Brasil, chega a notícia que mais os amedrontava. Uma pessoa infectada havia voltado de viagem para a cidade onde os familiares de Mayla moravam. Novamente a família entrou em contato com os brasileiros para ver como eles estavam. Foi à vez da tia

de Mayla os tranquilizar:

- Fiquem tranquilos, nós compramos máscaras e álcool em gel para todos, não está faltando comida, ninguém está trabalhando e os 14 dias do isolamento estão sendo cumpridos. Quando algum de nós volta do mercado ou da farmácia já limpamos tudinho e lavamos na hora, as roupas.

Essa notícia havia tranquilizado o coração da família que estava na China. Ao continuar acompanhando os noticiários, Mayla viu que na cidade de Hubei o isolamento havia sido suspenso e ficou feliz da vida porque logo poderiam voltar ao normal, foi feliz falar aos seus pais, mas sua mãe alertou:

- Mayla, você leu todas as informações antes de sair saltitando pela casa? Somente as pessoas que não são de risco podem voltar a ativa. Aquelas até 45 anos podem voltar e até chegar aqui em Wuhan vai demorar minha filha, afinal, o vírus saiu daqui. Então calma, um dia tudo volta ao normal.

Mas Mayla já estava impaciente de ficar nos cômodos do apartamento, se sentia sufocada e com saudade de seus colegas. Ela estava mexendo no facebook e viu a notícia que em algumas cidades da China, as crianças haviam voltado à escola, mas com restrições extremas, que nem conseguiam se mexer de tantos objetos protetivos.

A menina não aguentava mais todas aquelas notícias tristes, cada dia mais, pessoas morriam ou ficavam infectadas, os pais de Mayla vendo o “sufoco” da filha, a chamaram para ler uma notícia que eles sabiam que a deixaria alegre, uma senhora de 100 anos, havia se curado do vírus e por fim estava indo para casa.

Mayla emocionou-se com a história e pediu autorização a seus pais, de criar um blog, para que as pessoas de sua idade pudessem expressar-se e assim, sair um pouco do tédio. Poderiam compartilhar boas notícias.

E agora, a dúvida! E aí Mayla, o que você nos conta?

Nicolli Paz Lopes

A vida com o covid-19

A covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-Cov-2, apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Algumas pessoas se contagiaram e não sentiram nada, outras precisaram de internação hospitalar e até uso de respirador. Esse vírus foi descoberto em dezembro de 2019 com casos registrados na China.

O diagnóstico é realizado por profissionais da saúde, por teste rápido ou exame de sangue, se positivo o indivíduo deve ficar em isolamento para não contaminar pessoas próximas. Os indivíduos dos grupos de risco (idosos e crianças, em especial) devem ter cuidado redobrado, não sair de casa, ou se tiver que sair devem tomar todos os cuidados necessários. A covid-19 tem sintomas parecidos aos de uma gripe, todos devem ficar atentos e se persistirem ou se agravarem os sintomas devem procurar um hospital.

Essa doença é transmitida a partir do momento que uma pessoa infectada entrar em contato com outra, através do aperto de mão, abraço ou espirro, por isso o uso da máscara deve ser obrigatório, para evitar a proliferação do vírus.

Desde a chegada desse vírus, a vida de todos mudou completamente, primeiramente as escolas, creches e universidades foram fechadas, todos apavorados e com medo da contaminação.

Professores pensavam em como adaptar atividades para encaminhar online ou atividades impressas para fazer em casa.

Pais sem saber onde e com quem deixar seus filhos. Nossa,

que desespero. Enquanto uns diziam não acreditar e que não era nada, outros se preveniam e com muito medo.

Muitas pessoas perderam seus empregos, pois as empresas não tinham como mantê-los. E o que fazer, sem dinheiro para colocar comida na mesa, para pagar faculdade, o aluguel, colocar gasolina em seus automóveis, que reviravolta, não é?! O governo lança então, o auxílio emergencial, uffaa! Um dinheirinho, não muito, mas ajudou, sabe-se que muitos precisavam, porém não conseguiram.

Mas a revolta foi grande quando fecharam o plantão gelado, e agora onde vamos tomar um chopp geladinho e comer um x bem saboroso, então veio a notícia do delivery, opa! Estamos salvos. Cancelaram os bailões do marks club, onde já se viu, como aguentar sem dançar umas modas. Nessas horas a gente pensou, até com os calos nos garções, e as bolhas nos dedões eram boas. O tempo bom!!!

Mas afinal, medo de algo invisível? Esse vírus veio realmente para mostrar o quanto somos pequenos e frágeis.

Renata Moss

Malfeitor x protetor

Era uma vez um malfeitor que adorava experimentos. Certo dia descobriu que através de um experimento e de algumas misturas químicas, assim ele poderia criar um vírus e espalhar pelo mundo todo.

Ele resolveu ir a um local público, no Reino da Alegria e fazer uma primeira pessoa sua vítima. Mas para isso ele precisava da ajuda de alguém, pois sozinho não conseguiria. Então ele chamou seu amigo, o John Vírus, ele tinha conhecimento de vários outros, poderia dar dicas de como passar para as pessoas.

Ele começou a ensinar que deveria se injetar o vírus e chegar perto de uma pessoa, tocá-la, espirrar perto dela, encostar-se a ela, assim seria um jeito de contagiar as pessoas, ou poderia colocar o vírus em uma seringa e injetar em alguém nas ruas. O malfeitor fez as tentativas, e para a tristeza de todos, ele conseguiu.

Assim seguiu seu plano, a infecção foi passando a todo o planeta, onde o vírus chegava a pessoa adoecia, gripava, ninguém sabia o que estava acontecendo, pois naquele reino nunca havia tido algo parecido e ninguém sabia lidar com a doença. Os médicos, as crianças, professores, idosos ficaram todos apavorados, pois após algumas notícias das abelhas de plantão, ficaram sabendo que o vírus poderia ser fatal e que deixava as pessoas muito doentes.

O malfeitor e seu amigo John Vírus foram pegos em flagrante tentando infectar uma pessoa, então eles confessaram que eles haviam criado o vírus, pois queriam ser donos do planeta e serem muito famosos por conseguir algo assim. Foram

presos e condenados à morte, pois este era um crime muito grave.

O vírus ficou conhecido como Coronavírus, e até apelido ele tinha Covid- 19. Seus sintomas eram tosse seca, cansaço e febre. Como o planeta tem médicos qualificados e treinados para lidar com doenças, tiveram que aprender mais ainda e criar alternativas de segurança que ajudassem a curar as pessoas, com equipamentos preventivos, cuidavam dos doentes. Quando alguém adoecia, os médicos queriam que as pessoas ficassem em casa, não recebessem visitas e não viajassem, pois qualquer contato era contagioso e diante disso, o capitão do planeta resolveu fecharas escolas, creches e todos os lugares que reunia pessoas.

Quando o caso era sério, as pessoas infectadas eram levadas ao Hospital das Fadas, que tinha todos os equipamentos e medicações possíveis e eficazes contra o Covid-19.As crianças ficaram tristes, pois não iam à escola, nem brincar com seus amigos e nem sair de casa para se divertir e ir aos parques de diversão. Os professores, preocupados, que seus alunos iriam ficar à mercê disso tudo, pois não sabiam quanto tempo duraria a pandemia, e assim pensavam como passar os conhecimentos a eles.

Assim chegou a fada dos conhecimentos, criou um modo em que os professores se conectavam com os alunos, passavam aos estudantes materiais das diferentes disciplinas. Havia a plataforma do Classroom, onde os professores postavam suas aulas em vídeos, atividades, vídeo chamadas com os alunos, atenção necessária aos alunos.

Para que os idosos não saíssem de casa, para irem às farmácias, mercados e lojas, os Anjos da Guarda se puseram a ajudar, colaborando e dando suporte, pois eles eram muito sensíveis ao Covid-19.

Após ter ajuda de todos e estar controlada a situação, então o Capitão Protetor teve uma ideia genial, resolveu criar uma forma de proteção, além das medicações e cuidados pessoais. Criou o protetor corporal: ele se ativa de várias formas em seus corpos. Ele se unia com água e sabão para deixar as

mãos limpinhas, com o álcool em gel. Para ficar imune, não entrar em contato com ninguém, somente de longe, e ao tossir e espirrar, colocar o braço na frente e virar para o lado, após lavar as mãos. Quando o escudo protetor estivesse ativado as crianças, idosos e adultos estariam libertos para se divertir e curtir a família, mas claro com todo cuidado sempre. Para ajudar a afastar o malfeitor e acabar com o Corona vírus, deviam ativar seu protetor corporal.

O novo Corona vírus chegou aqui no estado. Não é motivo para pânico, mas é bom ficar ligado, investir na prevenção e ser bem disciplinado. Fique atento, vou dizer como é a precaução. Para o novo Corona vírus preste muita atenção. Se você fizer o certo ele não lhe pega não. Lave bem as mãos, com detergente e sabão. Use também álcool em gel para a higienização. O vírus perderá forças para a proliferação.

Fique em casa, não se exponha. Evite aglomeração. Respeite a quarentena, siga a orientação. Cada um faz a sua parte e evita a infecção. Se você estiver com tosse ou então dor de cabeça e sem poder respirar, procure logo um médico antes que o problema cresça. Unidades de Saúde farão o acolhimento. Os profissionais de plantão vão te dar atendimento e exames para descobrir a natureza do evento. O novo Corona vírus é uma calamidade, mas meu Ampère está unido e vai mostrar capacidade de banir a pandemia aqui da nossa cidade.

Thais Fernanda Baioto dos Santos

Um vírus e um verme

Era final de novembro de 2056, num pequeno planeta chamado Kronos, muito encantador, com muitas árvores, florestas, flores, rios e oceanos. Nesse planeta, as ruas das cidades eram extremamente barulhentas, havia muita fumaça no ar, as pessoas não eram gentis umas com as outras, não se cumprimentavam, estavam sempre com pressa. Com os filhos, não existia tempo para brincar, ler histórias, dançar.

Com os amigos, os abraços não se faziam tão presentes nos encontros, tampouco os 'eu te amo'. A simplicidade de correr ou andar de bicicleta no parque ao ar livre, não ganhava seu devido valor, pois não era visível aos olhos de uma sociedade doente.

No último março de 2057, surge nesse planeta um homem-vírus infectado chamado Noah, que espalha o vírus através do ar ou por contato pessoal, com secreções contaminadas, como: gotículas de saliva; espirro; tosse; catarro; contato pessoal próximo, como toque ou aperto de mão; contato com objetos ou superfícies contaminadas, seguido de contato com a boca, nariz ou olhos. Inicia calmamente, mas depois de algumas semanas ele torna-se devastador para a população de Kronos. Adam é o terrível homem-verme líder de Kronos e fica sabendo desse novo homem-vírus que está habitando em seu planeta e pede para sua secretária Demetra agendar uma conversa entre eles dois.

- Adam: Demetra, agende uma conversa entre mim e esse tal de homem-vírus, Noah. Urgente, por favor.

- Demetra: Ok senhor Adam.

Quatro dias depois, Adam veste-se com uma roupa super

protegida e vai até a casa de Noah.

campaíha toca (din-dom, din-dom)

- Noah: Olá senhor Adam, entre, por gentileza.

- Adam: Olá senhor Noah, com licença.

- Noah: Sente-se, por favor.

- Adam: Você tem muito potencial, chegou aqui no meu planeta e já matou mais de 345.000 mil pessoas?!

- Noah: Minha maestria é extremamente verdadeira e incombustível. Mas fiquei sabendo que você também quer exterminar as pessoas desse planeta para poder implantar seu templo e criar robôs que não pensem para assim se curvarem diante do senhor e te ter como um salvador e rei absoluto!

- Adam: Exatamente, e é por isso que lhe chamei para essa conversa, temos objetivos em comum. Desejo me juntar ao senhor!

- Noah: Humm...Mas que ótima ideia!!! Preciso de alguém forte e influente como o senhor ao meu lado. Porém, você nunca poderá defender e contribuir para acharem uma cura que acabe com a minha existência e vou querer parte desse império de templo que está querendo construir aqui em Kronos.

- Adam: Ok, para exterminar esses seres pensantes eu faço qualquer coisa, mas tenho que fazer de uma maneira que fique velado esse objetivo que temos em comum, pois, meu povo não pode pensar que eu esteja junto na própria extinção deles.

- Noah: Ok, como pretende fazer isso?

- Adam: Deixa essa parte comigo, até mais.

- Noah: Até mais.

O Althalos, homem dirigente e médico do povo de Kronos, possui um certo poder e decreta quarentena em todo planeta e determina que todos os habitantes permaneçam em suas casas e só saiam se fizer necessário e devem sair com máscaras e luvas, para proteger-se do homem-vírus que está lá fora.

Em isolamento, as ruas das cidades que outrora era um es-

tardalhão de pessoas e automóveis, transformou-se em um silêncio monstruoso. Com a correria da rotina e a ausência de tempo, o aconchego com a família tornou-se escasso, porém, nesse novo ciclo, a reclusão mostrou como abraços, amor e calor humano possuem uma extrema relevância que em outros tempos às vezes não era valorizada.

Adam vê aí uma oportunidade para colocar em prática seu plano e exterminar de vez a maioria das pessoas do seu planeta. Então, ele sugere a todos que não obedeçam aos comandos de Althalos, assim, contra as medidas de proteção tomadas pelo médico experiente em vírus. Porém, a grande parte da população vendo que as mortes estavam deixando de ser números e tornando-se pessoas próximas, amores, filhos, avós, mãe, pai e amigos, não deixam de obedecer às prevenções de Althalos. Adam percebendo que as orientações de Althalos estava fazendo efeito e que os habitantes de lá não estavam morrendo, ele demite o médico que cuidava tão bem do seu povo e rapidamente contrata outro médico chamado Francis, mas com uma condição, que fosse contra a reclusão, que dissesse à população voltar à normalidade e que tomassem uma fórmula, segundo ele seria a 'cura' para matar Noah.

No entanto, a cientista chamada Scarlett Clarke, liga para Francis porque quer conversar com ele.

- Scarlett: Alô? Francis?

- Francis: Alô! Sim, pois não! Quem é?

- Scarlett: Sou eu, Scarlett, cientista do laboratório Scarlett Clarke de Kronos.

- Francis: O que quer comigo?

- Scarlett: Quero lhe dizer que eu não tenho certeza da eficiência desse método senhor Francis! E se o senhor recomendar para a população, eles irão tomar essa fórmula desesperadamente para ficar imune a Noah e pode haver consequências graves e fatais.

- Francis: Eu analisava esse método há alguns dias e a senhora está coberta de razão, não vou recomendar, pois como médico e defensor da ciência, eu jamais faria uma atrocidade dessas.

- Scarlett: Obrigada senhor Francis! Tenha um bom dia.

- Francis: A senhora também.

Francis decidido não pactuar mais com as exigências de Adam, vai até casa de Adam.

Campainha toca (din-dom, din-dom).

- Adam: Francis? O que faz aqui? Não me avisou que viria!

- Francis: Vou direto ao ponto. Estou me demitindo, de hoje em diante não serei mais o médico do povo de Kronos!

- Adam: O que foi que disse? O senhor está sendo muito bem pago! Por qual motivo não quer mais trabalhar para mim e a população de Kronos?

- Francis: Não se trata de dinheiro e sim de dignidade. Desde que assumi ser o médico dessas pessoas, não trabalhei por eles e para eles e sim, exclusivamente para o senhor e atender aos seus comandos! Como médico e com o ótimo currículo que formei durante mais de 20 anos, não posso contribuir para que seu discurso repleto de crueldades mate mais pessoas de bem desse pequeno planeta tão maravilhoso! Não posso ordenar que a população tome dessa fórmula que não foi aprovada por cientistas e acreditem ser a cura para exterminar o homem-vírus daqui. Eu honro a minha profissão e as vidas que jurei salvar.

- Adam: Ok. Se é isso que quer então tudo bem. Agora saia da minha casa.

- Francis: Com muito prazer.

Adam pede para Demetra agendar outra conversa com Noah em sua casa.

Campainha toca (din-dom din-dom)

- Adam: Olá senhor Noah, entre por favor.

- Noah: Olá senhor Adam, com licença.

- Adam: Aceita um copo de água, suco ou café?

- Noah: Aceito sim. Obrigado.

- Adam: Então, como soube, eu demiti o médico Althalos e contratei Francis, porém, ele acabou de pedir demissão. Estou perdido, não sei quem mais indicar ao cargo, mas que

obedeça às minhas ordens!

- Noah: Adam, não se preocupe, eu sei de alguém que você pode contratar como médico de seu povo.

- Adam: Quem?

- Noah: Você saberá na hora certa. Eu lhe retorno em breve. Tenho que ir. Até mais.

- Adam: Preciso de no máximo uma semana!

- Noah: Deixa comigo!

- Adam: Obrigada, juntos somos mais fortes e exterminaremos minha população.

- Noah: Exato!

Noah parecia estar no plano de Adam, mas o que Adam não sabia, era que, Noah estava planejando tirar Adam do comando, pois Noah queria o planeta só para ele e que todos temessem a ele, não queria dividir sua glória com outrem. Noah então, inicia seu plano quando aceita o copo de água que Adam havia-lhe oferecido na conversa que tiveram anteriormente na casa de Adam. Quando Noah vai embora, Adam tira sua roupa de proteção, máscara e luvas e em um breve segundo, esquece que Noah teria encostado no copo e bebido nele. Adam já havia de ser contaminado a essa altura. Passaram dias e dias, Adam começa sentir febre, tosse seca cansaço e falta de ar. Foi até o hospital para realizar o exame, mas era tarde demais, já tivera três paradas cardíacas. O homem vírus agora é procurado como assassino de Adam, homem-verme. Nas manchetes dos jornais só o que noticiavam era: “O homem-vírus matou o homem-verme.” O vice de Adam assumiu a sua liderança.

Scarlett a cientista, já estava em busca da fórmula que matusse o homem-vírus Noah há meses. Duas semanas depois da morte chocante de Adam, ela encontra a fórmula que mataria Noah, mas precisa aplicar a ele que agora está escondido das autoridades. Scarlett então sai para correr no parque, vê de longe Noah sentado, esperando para atacar seu vírus, a próxima pessoa que saísse às ruas. Ela então, se aproxima por trás de Noah e aplica a seringa com o método dentro, incrí-

velmente depois de meses de muito estudo e pesquisas, Scarlett havia derrotado o temido homem-vírus. A população de Kronos após saber fica eufórica. Mas para tudo voltar à normalidade, Scarlett precisaria desenvolver uma fórmula para o povo do planeta tomar, pois, havia ainda pessoas infectadas lá.

Passaram-se mais dois meses, os habitantes mais aliviados sem o homem-vírus circulando e as pessoas infectadas nos hospitais se tratando, Scarlett cria então a cura para o vírus que restou no planeta. Em questão de dias, laboratórios de outros planetas financiam a fórmula criada por ela e se tornam milhares de fórmulas disponibilizadas para a população de Kronos. Scarlett se torna a mulher mais admirada em todo planeta, nos jornais: “Scarlett a mulher cientista derrotou o homem-vírus e criou seu antídoto”.

Dois anos depois, tudo está normal, mas o povo de Kronos voltou diferente do isolamento. Mais humanos, gentis, o planeta tornou-se um verdadeiro paraíso, não existia mais egoísmo, o bem prevaleceu em cima do mal. E para melhorar, em 2060, Scarlett se candidata a líder do planeta Kronos, sim, ela ganha em disparada. Nada mais justo que a mulher que salvou a população de Kronos, seja a líder, pois, há anos seus habitantes não tinham uma(o) chefe consciente e que protegesse e se importasse realmente com as vidas desse planeta.

Tainara de Almeida

